

BRASIL-PORTUGAL

16 DE AGOSTO DE 1902

N.º 86

Monsieur Charles Rouvier

MINISTRO DE FRANÇA EM LISBOA



*Iniciador da TOURADA À ANTIGA PORTUGUEZA, a favor das vítimas
da CATASTROPHE DE MARTINICA*

Chronica

Estrev alho turbulenta e sensacional a quinzina finda hontem. Até parecia uma quinzina estrangeira, com casos escandalosos, casos intricados, casos divertidos, casos fúnebres e casos mirabolantes. Parte da capital abalou uma semana para Hespanha em contos de recreio, a pouco redididos, e não quiz saber de desgraças, mas a que ficou por cá não entreteve menos a sua curiosidade ansiosa. Os que visitaram o Escorial, descobrindo naturalmente ainda o Pantheon de S. Vicente; os que foram a Aranjuez, a essa encantadora estancia onde o Tejo cabe imponente e grandioso, seguindo n'um pequeno riocho que pouco a pouco se vae transformando a ponto de rivalisar em Lisboa com o mar largo; os que viram o museu do Prado, quando nunca se lembraram de ir admirar o que de notabilissimo a importante conta e ao nosso Sr. Janelas Verdes; os que passaram no Buen Retiro, no sabemos se com saudações dos formosos talhões da Avenida, onde as arvores formam já uma abobada maravilhosa de verdura; e na sua fauna de forasteiros, avidos de novidades, de imprevistos, afadigados, cheios de calor, porque Madrid é verdadeiramente tropical no verão, sem ter esta brisa unica que nos fornece o rio, e esta aragem mais ou menos fria que sopra do nordeste, voltam hoje com mil recordos da sua viagem barata, podendo contar á familia cousas que ella nunca viu, falar-lhe de raridades que ella desconhece, descrever-lhe a final impressões e acontecimentos que ella nunca sonhára.

Longe da chronica o criticar-lhes esse prazer unico, — que outro não se sabe ainda de mais appetitoso e de mais agradável — de uma viagem a paiz extranho onde os costumes variam, os gostos, o idioma, o ar das mulheres, a falla dos homens, tudo enfim. O que ha digno de censura apenas, — não a esses eleges excursionistas que sabem aproveitar uma occasião propicia para viajar, mas so portuguezes em geral, — é uma accentuada indifferença por tudo quanto de bello e de notavel tem no seu paiz. Contra nós proprios fallamos, ainda não ha muitos annos fazendo uma rapida ascensão á torre da Estrella, nos dirigimos essa censura.

Quantos dos que nos leem se lembraram alguma vez de subir ao arco da rua Augusta! E no entanto nem um só, immos apostol-o, deixou de ir admirar o panorama de Paris, do alto do arco do Triumpho. Pois não é inferior o panorama de Lisboa, gosado do terrapão do Terreiro do Paço. Diverso, sim, e mais variado, e mais pittoresco, porque a seus pés desdobra-se logo, um vastissimo horizonte, todos os vastos campos da outra margem do rio, com o Tejo a lambem-lhe os rochedos e o pharal do Bugio, como que sentinella vigilante, a dominar as bravas ondas do mar.

Passando a fronteira, para qualquer lado que se volte, o portuguez nunca deixou de visitar um museu, de parar junto a um monumento artistico, de subir a um alto, de entrar n'uma igreja, de se estaxiar diante de uma obra artistica, mas ao visitar a cathedra de Toledo, se lhe perguntassem se alguma vez entrou na E. de Terceira, e diz que não, e quando se sentir boquiaberto em alguma casa de Lourenço, lembremo-nos que ali ás Janelas Verdes tambem ha um museu que elle nunca se lembra de ver, sorrer-se-ha talvez incredulo. Mas no seu intimo recordar-se-ha de ter encontrado muita vez em carruagens descobertas grupos de forasteiros encaminhando-se para os Jeronymos, para S. Roque, para a Estrella, para a torre de Belem, para todas essas maravilhas artisticas que ainda nos restam a attestar um passado magnifico e glorioso, e pensar decerto que toda essa gente extranha que procura impressões novas, não tenta apenas conhecer o que nunca viu, mas tambem comparar com o que já tem visto, com o que possui cada um em sua casa, e que muitas vezes sentirá no seu coração patriótico orgulho de encontrar a par de cousas sublimes, outras que lhe não envergouham as sublimidades da terra natal. E' este tambem um doce prazer do viajante, que o portuguez não deve esquecer, e que, como nenhum outro, pôde gosar indefinidamente. Basta recordar a Batalha e Mafra, essas dois momentos extraordinarios, marcando cada um a sua epocha, esculpindo em pedra tudo quanto de elevado, de grandioso e de heróico ha na nossa historia, para aborcer esse goso indefinido de não encontrar lá fóra cousa que se lhes compare... Um e outro são dois asombros em pedra, um no que a arte tem dado de mais gentil, de mais elegante, de mais finamente burilado, episodio rendilhado que é uma maravilha de architectura e o outro no que tem de mais ousado, de mais forte, de mais imponente, n'uma arrojada audacia de construção, monumentos dos quaes só a pena de Garrett ou de Herculano nos poderiam dar respectivamente descrições que os egualassem.

A ociosidade dos que ficaram deleitou-se com o desvendar de um drama intimo que pertence talvez mais á sciencia do que á policia e que daria um capitulo interessante a Bourget, por exemplo, para a sua physiologia do amor moderno. Quanto a nós esse caso e o outro que se lhe avaxtavaj ainda na impressão produzida, porque foi mais duradouro e immediata sequencia da attenção publica, são apenas as naturaes e immediatas sequencias da verdadeira anarchia de espirito que abala hoje as sociedades modernas. Mas não é isto a pena proibir, porque equivale a uma verdadeira revolução moral, que traz consigo, como succede a todas as revoluções, a confusão e o terror, até ao cabo, de onde sahirá talvez depois outra cousa nova e mais perfeita. E' um estado morbido, que não tem cura. Hesita-se quando se deve ser decidido, procede-se quando se devia apenas pensar, luta-se quando a luta é uma vergonha e foge-se quando a luta é um dever; confunde-se a dignidade com a conveniencia e o orgulho com a vaidade; o respeito pelos outros é apenas a paga de uma lisonja que não se dá a pena traiçoira de uma vingança, muitas vezes pueril. Podem julgar sempre o quadro, mas creiam que elle é apenas o esboço imperfeito do que se passa no nosso meio, como em todos os outros, onde a civilização por demasiado progredir, não tem tido tempo de acompanhar moralmente a sua evolução material. As lições da historia de nada servem, e os que se encontram fortes teem logo a velleidade de suppôr que nada poderá derruir-lhes o

edificio, quando a historia de todos os tempos está a ensinar-lhes que tudo é frivole neste mundo, — pessoas e cousas.

E' triste, bem sei, que a opinião publica se entretinha na apreciação de factos como esses dois que emocionaram a quinzina, e que só deveriam interessar um a uma familia, o outro a uma empresa, mas a culpa cabe apenas a quem não soube ou não quiz resolver-os em segredo, sem escandalo e sem alarme. A opinião publica não faria casos de hesitação, mas não os tem, accidia-os, quando elles apparecem, discute-os, commenta-os nem sempre com razão, e julga-o... muitas vezes com justiça. E o tempo se encarga depois de os sentenciar...

A morte do par do reino, Manoel Vas Preto Geraldés, merece registro especial á Chronica porque elle foi na politica portugueza uma personalidade, apesar de nunca ter sido ministro, ou talvez mesmo por isso. Destacou-se pela enorme influencia pessoal em um dos maiores districtos do paiz, na maior da Beira Baixa, onde herdára de seu pae juntamente com uma importante fortuna, um prestigio não inferior. Graças a ambos ponde muita vez pesou na politica portugueza, e sem ser um parlamentar, temido pela oratoria, não raramente os ministerios se compraziam em acquirir á sua vontade que nunca se manifestou, ha a dizel-o, por interesse proprio, e antes por uma reconhecida abnegação individual. Foi até á morte apenas o que era por nascimento: fidalgo, porque sua familia é uma das mais antigas da Beira; rico, porque seu pae lhe deixou uma boa fortuna; influente porque, como já dizel-o do pae, herdara tambem um alto prestigio em Castello Branco; par do reino, porque o direito de hereditariedade lhe deu a cadeira na camara alta. Mas mais nada quiz ser: nunca procurou mascarar com qualquer titulo honorifico o seu nome de fidalgo; nunca ambicionou arriscar as suas terras em especulações industrias que porventura lhe podessem auferir os bens, a não ser os que naturalmente se lhe impunham como agricultor; nunca fez alarde da sua força eleitoral para tirar proveitos da politica a que se inclinava; nunca, finalmente, como legislador, teve velleidade de ser ministro. Teve apenas uma vaidade — o ser junto dos governos, ou de uns ou outros ministros, com quem mantinha relações mais cordaes — um poder occulto, mirando sempre á conservação da sua influencia districtal. Apraxia-se-lhe o espirito n'essa relativamente pequena vaidade que por vezes, no entanto, pesou aquelles junto de quem exercia a sua força...

Hoje a doença e a idade tinham-o afastado do centro politico, na sua linda casa de Louza, onde alguns amigos fiéis o foram visitar nos ultimos dias. Amigos pessimos que não politicos, porque a meia duzia dos que o acompanhavam politicamente, era-lhe pessoalmente dedicada. Não succede assim aos que militam nos grandes partidos, que quasi sempre abandonam os que os serviram ou dirigiram. O amigo politico marca um logar á parte na dedicacão da humanidade, mas logar em todo o caso comprehensivel e logico, — o proprio nome o indica. Acabou-se a politica e quasi sempre ella se evola de junto dos moribundos — portanto, desapareceu a amizade.

E' naturalissimo e os que extranham o caso, é porque teem uma falsa ideia... da gratidão humana.

João Costa.



AS NOSSAS GRAVURAS

Mr. Charles Rouvier. — O illustre diplomata que ha annos representa a França junto da corte portugueza, não é já hoje um desconhecido do paiz. Quando elle passa, sempre elegante e distinto, n'essa distincta natural de parisiense chic, dentro da sua carruagem, o publico reconhece-o pela roseta tocada dos creados, e sabe que alli vae o representante d'essa França que tem sido sempre a mãe do nosso espirito, e o diplomata que por mais de uma vez tem dado provas de estima e dedicacão pela nossa patria. Por isso justo foi que a capital accorresse pressurosa a abrihlar o espectaculo que a favor das victimas da catastrophe de Martiniac, organisou na Praça do Campo Pequeno, com a coadjuvancia dos principaes membros da colonia franceza em Lisboa.

Tasurada a antiga portugueza. — D'onde se objectiva de Arnaldo da Fonseca deixar aqui reproduzidas varias scenas. A gravura maior representa o aspecto da praça durante as cortesias, que é sem duvida a parte mais espectacular d'essa curia.

Exposição caética internacional do Porto. — Reproduzimos algumas das principaes installações d'esta exposição, que com grande exito, se realisa no Porto e que se dividia em quatro secções: cães, armas, zoologia, e arte applicada, sport, publicações, etc.

Durou uma ouzta dias apenas, no Palacio de Crystal que é um dos locaes mais pittorescos d'aquella cidade, e um dos pontos de vista mais bonitos do paiz.

Os iniciadores d'esta certamente, onde tanto brilharam as collecções de El-Rei, as do Museu de Artilheria, da Commissão de Pescarias e outros, foram os dr. Paulo Cancellia, Henrique Anacleto, José Victor d'Oliveira e Antonio Baptista de Sá, que logo obtiveram o consellho do *Club dos Capades do Porto*, o da revista *A Capa* e o do *Associação dos Capades Portuguezes* de Lisboa.

A colonia brasileira no Porto. — O grupo que hoje damos é reproduzido de uma esplendida photographia da casa Knutli Biel, que foi offerecida no actual consellho do *Club*, e n'agosto do anno passado, para effectuar a firmação por dezennos dos mais illustres membros da colonia brasileira.

Ao Senhor Doutor Alberto Braz Conrado, Dignissimo Consel da Republica dos Estados Unidos do Brasil, no Porto, offerecem em homenagem ás suas brilhantes qualidades e como premio da mais alta estima e consideração.

Porto, 25 de Maio 1902
Adriano da Costa Bastalho, Alfredo Guimarães, Antonio Pignato Nogueira, Antonio Tavares Ramos, Arantes Pereira (Dr.), Augusto Pinto Chaim Junior, Avelino da Silva Rio, Ernesto Francisco Vitor, Eugenio Augusto da Silveira (Dr.), Francisco de Aguiar da Silva, João Marques Saldaña, Joaquim Ferreira Cardoso, José Augusto da Silva Ribeiro, José Cândido de Faria (Dr.), José Cardoso Ramalho Junior, José Luis Ferreira Fontes, José Marques Merino, José Teixeira da Silva Braga Junior e José Tasso Ferreira de Sousa.

A meio da jornada. — Delicioso instantaneo arrancado em Pelotas, a um pittoresco.

Typo de belizca. — Mais um para a nossa galeria. Este é de origem franceza que figura já muito brillantemente na collecção do *Brasil-Portugal*.

Tourada á antiga portugueza



A chegada á praça dos churamelleiros e cavalos da casa real



As cortesias — O cavalleiro D. Luiz do Rego



Uma sorte do cavalleiro Victorino Froes



A ida para a tourada



Remate de uma sorte



A chegada do carro com os moços de forcado



Tourada á antiga portugueza — Aspecto da praça, durante as cortezias

POLÍTICA INTERNACIONAL

CONCERTAMENTO culminante da quizesima politica é a execução do decreto, pelo qual em França o ministerio Combes ordenou o encerramento de 2.000 escolas congreganistas não autorizadas. Conforme era de prever a ordem do governo tem dado occasião, tanto em Paris como nas provincias, a diversos incidentes tumultuosos, que contudo parece não deverem assumir maiores proporções, embora em Paris chegassem a atingir certa gravidade. A firmeza, porém, do presidente do conselho e do auxilio que o governo tem prestado aos grupos radicais e socialistas, conseguirão segundo todas as presumpções dominar a situação. As manifestações das ruas vão enfraquecendo. A propria attitudão do alto clero, sem deixar de ser hostil, apresenta-se todavia contradictoria e hesitante, o que contribue para tirar grande parte do valor ao protesto dos clericos. Emfim e conforme o prognostico mais provavel o sr. Combes ganhou a partida; as escolas congreganistas não autorizadas serão fechadas administrativamente, e quando outro vez se reunir o parlamento, serenados já os animos, pouca ou nenhuma importancia terão as interpellações, que não deixarão de chover sobre o ministerio «proscriptor», como é alcunhado o presente pela furia impotente dos reaccionarios dos diferentes matizes.

Mas a questão assim tão summariamente liquidada pelo ministerio será realmente uma questão finda? Não o cremos. O partido clerical, embora sensivelmente derrotado pela attitudão da maioria parlamentar, e dos grupos radicais, que fora do parlamento a apioam, tem ainda em França a sufficiente força, senão para vencer, o que é impossivel, pelo menos para crear serios embaraços á acção de qualquer governo, e enfraquecer-lhe por consequencia, além da precisa acção no interior, a sua situação internacional, que não pôde deixar de sentir-se por esta permanente guerra intestina, que traz a nação dividida em dois campos ferocemente irreconciliaveis.

É este para a Europa o grande ponto de vista. Todos conhecem a delicada posição da França no Oriente e no Extremo Oriente em face dos interesses da christandade. A Alemanha e a propria Russia (quem havia de dizel-o) são uma permanente ameaça á extensão da influencia franceza n'estas paragens. Nos territorios que constituem a parte asiatica do imperio turco, na Syria especialmente, a acção da França encontra-se a todo o momento embaraçada pela propaganda orthodoxa das missões russas, sustentadas, inútil se torna acrescentar, do grupo berlinense. Na China ainda a situação é mais critica para a França. Conforme se sabe, recebeu esta nação da Santa Sé a investidura na missão de protectora dos christãos no Extremo Oriente. É uma situação analogá á do padroado portuguez na India, mas de acção muito mais effiz, pelo caracter accentuadamente politico que elle imprime a qualidade de grande potencia, que a França faz valer para o exercicio das suas prerrogativas religiosas. Hoje porém, a situação da França em relação á Alemanha uma terrivel rival. Já por diversas vezes se tem fallado nos esforços, que esta ultima potencia está fazendo para arrearçar á França o privilegio do protectorado da christandade no Extremo Oriente. Até agora a Curia Romana oppoz sempre um formal *non possumus* á semelhante pretensão. Os interesses religiosos que Roma tem na nação franceza aconselhavam naturalmente ao Vaticano este procedimento. É a luta contra o clericalismo continua, porém, em França, é mais do que certo que o Vaticano acabará por se divorciar de vez da «nação christianissima», e que favorecerá as pretensões alemãs, a que até agora tem recusado prestar ouvidos. Este resultado final da politica radical do gabinete de Paris, ninguém o poderá evitar. E tanto os estadistas francezes conhecem o perigo, que os ameaça, que ainda não ha muito, por occasião da ultima expedição á China, e no mais accesso da luta a proposito da lei sobre as associações, o sr. Waldeck-Roussin defendia na camera o procedimento criminoso dos missionarios no Extremo Oriente, accusados no relatório official enviado ao governo pelo proprio general em chefe francez dos mais censuraveis actos de rapinagem. De modo que o ministerio, que abria uma guerra de morte ás congregações em França, estava a defendel-as na China contra accusações claras e terminantes de um delegado seu da mais alta confiança — o general Voyron!

Esta anomalia resultante da situação especial da França com respeito á Curia Romana, se triumphá, como tudo o leva a crer, a politica radical e anti-congreganista do ministerio Combes, a influencia da França no Extremo Oriente, que sómente pôde manter-se com o auxilio do Vaticano, ha-de fatalmente decair. É preciso que os francezes se resignem corajosamente a optar por uma das duas soluções, que o actual dilemma lhes offerece. Ou politica liberal e anti-congreganista na Europa, ou padroado religioso na Ásia. As duas é que são inconciliaveis. Não cabem dois projetos n'um sacco. . .

Acabam de vér a luz da publicadão na Alemanha dos dois documentos, que por si só são uma revelação do valor moral da campanha de diffamação, que durante mais de tres annos a imprensa allema sustentou contra a Inglaterra por motivo da guerra com os boers. Um d'esses documentos é uma carta do conde de Berchem, antigo sub-secretario dos negocios estrangeiros no tempo de Bismarck, publicada no jornal semi-official *Gazette de Allemagne du Nord*, na qual se censura a maioria dos jornaes allemães pela maneira imprudente como se occupam da politica externa, e pelo modo descortez que tratam certas nações. O segundo documento, a que nos referimos, é um appello publicado nos jornaes de Berlim para se promoverem mais intimas relações de amizade entre a Alemanha e a Inglaterra.

Firmam esta especie de manifesto alguns nomes dos mais illustres na sciencia e nas letras, entre os quaes o do glorioso historiador Theodor Mommsen. Depois do que se passou ainda até ha bem poucas semanas em toda a extensão do imperio germanico, onde a anglophobia mais despropositada encontrou farto pasto, é na verdade significativo o conteúdo dos dois escriptos citados. Quer elle dizer que, mais cedo do que se podia esperar, comprehendeu a Alemanha a injustiça e a inconveniencia do seu procedimento para com a Inglaterra, e que procura hoje a restauração do respeito ao bem pouco habil, desfazer a má impressão que essa desastrada campanha deve ter deixado após si. O peor é que o sentimento do povo inglez não parece disposto a ceder diante do arrependimento tardio dos seus recentes detractores. O *Times* representa n'este caso a voz da Inglaterra ferida no orgulho da sua tradicional superioridade. Diz a folha da *City*: «Este movimento merece a nossa sympathia e a nossa approvação. Os documentos citados — litteratura de que n'estas mesmas columnas e já no actual anno appareceu uma noticia imparcial.

«Houve-se o conde de Berchem e o professor Mommsen fallado então da fórma por que fallam hoje, as suas palavras teriam contribuido poderosamente para modificar a impressão produzida pelas publicações que agora lastimam. Desgraçadamente adiarão os seus protestos até que nós nos libertassemos das difficuldades, durante as quaes uma leal e honrada attitudão, nos teria sido particularmente grata. Os esforços do professor Mommsen para a restituição da amizade entre a Alemanha e a Inglaterra não podem apagar da nossa memoria a lingoagem, que o mesmo professor julgou conveniente usar para commosco, quando nós nos encontravamos no mais accesso da luta na Africa austral.

«A campanha de falsidades e de calumnias tão imprudentemente levantada contra nós na Alemanha, emquanto as nossas tropas estavam no campo de batalha, não será facilmente esquecida pelo povo d'este pais. Denunciado pela primeira vez o que ha tempo era conhecido apenas d'um pequeno numero de jornalistas e escriptores — os verdadeiros sentimentos para commosco das classes mais numerosas e influentes na Alemanha. Esta revelação ha-de necessariamente ter influencia nas relações dos dois povos por um largo futuro. Tivemos, de verdade, somos os primeiros a reconhecê-lo, pouca razão de queixa os actos desastrosos do governo allemão; mas conforme bem o comprehendemos o conde de Berchem, a Inglaterra não podemos remos as relações notorias que existem entre a administração imperial e a imprensa germanica. Podemos acreditar que o movimento anti-britannico manifestado na Alemanha foi alem do que teriam desejado alguns dos que o promoveram; mas não esqueceremos nunca que esses mesmos não se atreveram a resistir-lhe, e que em mais de uma occasião a lingoagem dos ministros responsaveis se harmonizou perfeitamente com a dos nossos accusadores e gazetistas. Não temos nenhuma garantia real de que o vapor, que se julgou ao que parece agora conveniente fechar, não possa soltar-se outra vez na primeira occasião. Sabemos a que alta pressão elle se conserva, e a passada experiencia de outros paizes ensinou-nos que nem mesmo a cordealidade de relações que felizmente existe entre os chefes dos dois estados, pôde conter o impeto das paixões e dos prejuizos, quando elle atinge uma certa intensidade. Quanto mais cedo esta pressão for diminuida, tanto melhor será para as duas nações, que tem em commum tantos e tão grandes interesses, não só materias mas moraes tambem. Alegremo nos ao pensar que esta verdade va sendo reconhecida, embora tardamente, em Berlim.»

De proposito trazidimos o artigo do *Times*, porque n'elle se reproduzem em lingoagem levantada mas firme os actuaes sentimentos da Inglaterra para com a Alemanha. Como muito bem accentua o grande jornal londrino, a campanha de descredito que durante tres annos teve o principal e mais odioso foco na Alemanha não pôde facilmente esquecer aos inglezes, e as relações dos dois povos hão-de infelilmente para a obra da civilização d'isso sentir-se por largo tempo. E o peor, como tambem o mesmo jornal frisa, é que a Inglaterra não tem a garantia de que o movimento anti-inglez, que depois de concluida a paz parece querer amortecer-se, não renasça amanhã ao primeiro pretexto de acto violento e de insulto a qualquer nação. E esta suspensa do futuro, aliás perfeitamente justificada pelos precedentes, va contribuir para envenenar as relações dos dois povos, mais ainda do que a recordação do passado. Conforme a opinião geral em Inglaterra, de que Mr. Maxse se fez echo na *Contemporary Review*, o Kaiser ou é um amigo impotente ou um secreto inimigo da Grã-Bretanha. Na melhor das hypotheseas, e segundo o mesmo escriptor, tudo indica que se firmará o perdimento completamente a força moral para dominar a machina governativa do seu imperio.

Com taes disposições de parte a parte, estamos de accordo com o *Times* que as relações dos dois povos hão-de por largo tempo infelizmente sentir-se do grave erro commettido pela imprensa allemã.

CONSULHETE PEDROSO.

A MINHA INTERVIEW

Agora que estão tanto em moda no jornalismo moderno, as entrevistas, vem a propósito esta deliciosa obliqua de Mark Twain. Offerecemo-la aos reporters portuguezes e brasileiros.



REVOLTO, azafamado, ansioso, o rapaz apoderou-se vivamente da cadeira que eu lhe indicava. Balbucou algumas palavras, exprimindo que pertencia ao jornal a *Temporada quotidiana*.

— Julguei, pensei, sr. Mark Twain, que não seria mau fazer-lhe uma *interview*. E por isso vim.

— Veiu fazer... o quê?

— Uma *interview*.

— Ah! Já sei... sim... sim... já percebo.

Eu não estava nada bem disposto n'essa manhã. As minhas faculdades, habitualmente tão brilhantes, estavam um pouco cobertas com uma nuvem. Entretanto, aproximei-me da estante e procurei com os olhos.

— Como se soeitra essa palavra?

— Qual palavra?

— *Interview*.

— Oh! Deus do céu! Quer soeitra-la para quê?

— Não a quero soeitra, desejava saber o que ella quer dizer.

— Pois senhores! é verdadeiramente espantoso, especialmente na bocca de um escriptor do merecimento. Enfin, eu soeitra a palavra, se isso lhe é agradável, e eu lhe explicarei o que significa... se quer.

— *All right!* Isso mesmo é que me serve, e fico-lhe muito obrigado.

— *I, u, n; t, e, r... inter*

— Ah! então escreve-se com um *I*?

— De certo.

— Não sabia; foi isso que me demorou durante muito tempo.

— Mas, meu caro sr. Mark Twain, então o que é que queria pôr em vez do *I*?

— Oh! Deus meu; sinceramente, não sei.

Eu tomara na minha bibliotheca a *Encyclopedia resumida*, e começara a procurar no indice, com a esperança de encontrar talvez, nas gravuras. Mas era uma edição muito antiga.

— Não! não, meu amigo! exclamou o *reporter*. Não encontra gravura d'isto, nem na ultima edição. Mas, perdão, meu caro sr. Mark Twain, desculpe a franqueza da minha observação. Mas para um homem, cujo espirito os nossos jornaes a cada instante gabam, espanto-me de o achar tão pouco... Enfin, não é o homem que eu esperava ver!... Desculpa esta observação familiar?

— Oh! não! não se incomode... E não repare... Muitas vezes me tem repetido pessoas que não me liongeiam e nenhuma razão tem para isso que eu era realmente notavel debaixo d'esse ponto de vista. Sim, sim fallam sempre a esse respeito com o mesmo prazer.

— E comprehende-se. Mas permita que volte á minha *interview*. Não pôde ignorar que é moda, agora, *interviewear* qualquer pessoa que tem os olhos do publico fitos em si.

— Sim? Nunca tinha ouvido dizer. Deve ser muito interessante...

— E o que é que lhe se faz?

— O que se faz a uma *interview*...

Sinceramente é de uma pessoa desanimar!... Ha casos em que uma pessoa tem tentações de fazer a *interview* com um cacete... Enfin, habitualmente a *interview* compõe-se de uma serie de perguntas dirigidas á pessoa que se trata de *interviewear*. E ella a essas perguntas dá a resposta que quer. Pelo tempo que vai correndo, está muito em voga...

Dá-me licença que lhe faça algumas perguntas para por em relevo alguns pontos salientes da sua biographia?

— Oh! com o maior gosto!... É verdade que eu tenho pessima memoria, mas espero que não ligará denasida importância a esse insignificantemente aspero. É uma memoria singular, quer dizer uma memoria intermitente, caprichosa. As vezes ella ahí vai a galope. Depois é capaz de estar quinze dias sem querer dar um passo em direcção alguma. E para mim um grande embaraço.

— Cá nos arranjaremos o melhor que podermos.

— Empregarei para o ajudar toda a minha boa vontade.

— Obrigado. Quer que principieis? Está prompto?

— Estou prompto.

— Que idade tem?

— Dezenove annos e meio.

— É possível? Eu dava-lhe quarenta e quatro ou quarenta e seis annos. Onde nasceu?

— No Missouri.

— Em que época principiou a escrever?

— Em 1836.

— Oh!... Como pôde isso ser, se tem apenas dezenove annos?

— Não sei. Effectivamente. Parece-me singular.

— De certo. É curioso! Quem considera como o homem mais notavel que tem encontrado?

— Jorge Washington.

— Mas como é que pôde encontrar-se com o Pae da Patria americana, se tem dezenove annos e meio?

— Se sabe mais do que eu, não vale a pena interrogar-me.

— Oh! isto é uma simples observação, e mais nada!... E em que circumstancias se encontrou com Jorge Washington?

— No dia do seu enterro. Pediu-me até que fizesse menos bulha... Deus do céu! Se estava no enterro d'elle, é porque elle estava morto, e que interesse podia elle ter portanto que lhe fizessem bulha ou lhe não fizessem? E demais como é que elle ponde fallar?

— Não sei dizer. Era um espirito muito extraordinario, de um genero muito especial. Sempre fazia coisas que surpreendessem e espantassem os outros.

— Mas isto torna-se verdadeiramente incomprehensivel. O sr. diz que elle lhe fallou, e contudo que estava morto.

— Eu não disse que elle estivesse morto.

— Mas então não estava morto quando o enterrou?

— Eu lhe digo: uns diziam que sim, outros que não.

— E a sua opinião qual era?

— Não tinha nada a ver com isso, o enterro não era o meu.

— Mas... Adiante! Não salte d'aquí! Deixemos este assumpto estranho, e permita-me que eu lhe fallem n'outra coisa.

— Qual é a data do seu nascimento?

— Segunda feira, 31 de outubro de 1807.

— Hein?... O que diz?... É impossivel. Tinha n'esse caso oitenta e tres annos. Como explica isso?

— Eu não o explico.

— Vamos por ordem. O senhor disse-me ao principiar que tinha apenas dezoenove annos e meio. Agora tem oitenta e tres. É um mysterio impenetravel.

— O que lhe reparou n'isso? (*Apartando a mão do reporter com effusão*) Tambem isso me tem parecido um mysterio impenetravel. E ainda me não ponde acostumar a tal! Como o senhor observa as coisas depressa! Nada lhe escapa, ninguém o pôde illudir. E' o habito, não é?

— Obrigado pelo cumprimento. Teve ou tem agora alguns irmãos?

— Sim... eu lhe digo... parece-me, effectivamente. Olhe! não me lembro bem.

— Com a bréca! esta declaração é a mais extravagante de todas que lhe tenho ouvido.

— Porque?

— Ora essa! Não é má pergunta! Então não se lembra? Procuremos juntos se dá licença.

— Dou, dou. Até lhe peço que o faça.

— De quem é este retrato alli na parede? É de seu irmão?

— É, exactamente. É de meu irmão. Agora me lembro: era um irmão meu, William Bill, como nós lhe chamavamos em familia. Pobre Bill! Pobre do meu velho!

— O que! Bill morreu?

— Elle? Supponho que sim. Nunca soubemos.

— Triste! Triste! Desappareceu?

— Desappareceu. De um modo muito extraordinario. Enterrámo-lo.

— Enterraram-no! Enterraram-no sem sabermos se elle estava morto ou vivo?

— Oh! não! isso não! Estava perfeitamente morto.

— Bom! Declaro que não percebo uma palavra. Se o enterraram, se tem a certeza de que elle estava morto...

— Não, não, supponho simplesmente que elle estava morto.

— Comprehendo. Tornou á vida?

— Asvervo-lhe que não.

— Seriamente? Nunca ouvi uma coisa assim... Morreu uma pessoa. Essa pessoa enterrou-se; onde está o mysterio?

— Pois é isto justamente. Eu e o defunto estávamos a tomar ambos um banho. Fômos confundidos na tina. Tínlhamos então tres semanas; e um de nós morreu afogado. Qual foi? Nunca se soube. Disseram uns que fóra Bill. Entenderam os outros que fóra eu.

— Isso é muito curioso. E a sua opinião a esse respeito qual é?

— Deus o sabe! Eu dava tudo o que pedesse para saber. Esse mysterio horrivel ainda sobre a minha vida e envenena todas as minhas alegrias. Contudo, como o senhor escreve nos jornaes, posso-lhe revelar um segredo que confio á sua disciplina, e que até hoje não foi revelado a nenhum ouvido humano. Um de nós tinha um signal, uma verruga nas costas. Era eu. Foi essa creação que se afogou.

— Muito bem. Mas afinal de contas não vejo que haja n'isso um mysterio.

— Não vê? Pois vejo eu. O que não posso comprehender, devo confessar-o, é como foi que fizeram a tollice enorme de enterrarem a outra creação. Mas peço-lhe que não falle n'isso para elles ignorarem que se sabe. Já não são poucos os desgostos que elles tem.

— Muito bem, sr. Mark Twain, parece-me que tenho já materias bastantes por agora, e fico-lhe muito agradecido pelo incommodo que teve. Interessou-me muito a historia do enterro de Jorge Washington. Incomodo-o pedindo-lhe que me diga quaes foram as circumstancias que lhe fizeram pensar que Jorge Washington foi um homem acima do vulgar?

— Oh! uma coisa insignificantemente. Estou que n'um cento de pessoas poucas haveria que reparassem. Quando o sermão se concluiu o cortejo se poz em marcha para o emittorio, pozeram o caixão muito bradamente em cima do carro. Então o morto declarou que queria dar uma ultima visita de olhos á paizagem. A vontade dos mortos é sagrada, mancebo. Attendeu-se ao que elle desejava, e então, levantando-se, foi sentar-se familiarmente ao lado do cocheiro. Foi assim que se encaminhou para a cova.

O joven redactor levantou-se. Cumprimento-me muito polidamente e retirou-se com desembaraço. Era um delicioso conversador. Tive da sua companhia as mais deliciosas saudades.

MARK TWAIN.

P. S. — Eu tivera esperanças de fazer uma *interview* tão inverosimil, tão incoherente como aquellas cuja narrativa se lê nas folhas quotidianas. Pois não o conseguí!

A morte do Lidador

1

«Pagens! que arriem o meu gineté murzelo; e vós dae-me o meu lorijão de malha de ferro e a minha boa toledana. Senhores cavalleiros, hoje contam-se noventa e cinco annos que recebi o baptismo, oitenta que visto armas, setenta que sou cavalleiro, e quero celebrar tal dia fazendo uma entrada por terras da fronteira dos mouros.»

Isto dizia na sala de armas do castello de Béja Gonçalo Mendes da Maia, a quem, pelas muitas batalhas que pelejara e por seu valor indomável, chamavam o Lidador. Afonso Henriques, depois do feliz successo de Badajoz, e feitas pazes com o rei de Leão, o nomeara fronteiro da cidade de Béja, de pouco tempo conquistada aos mouros. Os quatro Viegas, filhos do bom velho Egaz Moniz, estavam com elle, e outros muitos cavalleiros afamados, entre os quaes D. Lige de Flandres e Mom Moniz, tio dos quatro Viegas.

«A la fé — disse Mem Moniz — que a festa de vossos annos, senhor Gonçalo Mendes, será mais de manebo cavalleiro que de capitão encaucado e prudente. Deu-vos o rei esta fronteira de Béja para bem a la-verdes de guardar, e não sei se se arriado a sair hoje a campanha, que dizem os escotes, chegado ao romper d'alva, que o famoso Almo-leimar corre por estas arredores com dez vezes mais lanças do que todas as que estão encostadas nos lanceiros desta sala de armas.»

«Voto a Christo — atalhou o Lidador — que não cria eu e que o senhor me houvesse posto nesta torre de Béja para estar assentado à lareira da cidade, como velha dona, a esperar de quando em quando por uma seteira se cavalleiros mouros viessem correr a la-bacana, para lá e para cá, e cerrar as portas e ladar-lhes do cimo da torre da menagem, como usam os villãos. Quem achar que são duros de mais os arneses dos infieis pode ficar-se aqui.»

«Bem dicto! bem dicto! — exclamaram, dando grandes risadas, os cavalleiros maneboes.

«Por minha boa espada! — gritou Mem Moniz, atirando o quente ferro da lagana do pavimento — que meinto pelo gorja, viem disser eu o fiavel aqui, havendo dentro de dez leguas de terra lida com mouros. Senhor Gonçalo Mendes, podeis montar em vosso gineté, e veremos qual das nossas lanças bate primeiro em adarga mourisca.»

«A cavallo! a cavallo! — gritou outra vez a chusma, com grande alarida.

D'alli a pouco, ouvia-se o retumbar dos sapatos de ferro de muitos cavalleiros descendo os degraus de marmore da torre de Béja, e, passando alguns instantes, soava a voz do tropezar dos cavalleiros ruyos na ponte levadiga das fortificações exteriores que davam para a banda da campanha por onde costumava apparecer a mourisma.

2

Era um dia do mez de Julho, duas horas depois da alvorada, e tudo estava em grande silencio dentro da cerca de Béja: batia o sol nas pedras esbranquiçadas dos muros e torres que a defendiam; ao longe, pelas immensas campinas que avistinhavam o teso sobre que a povoação está assentada, viam-se ondear as searas maduras, cultivadas por mãos de agrenos para seus novos senhores christãos. Regados por lagrimas de escravos tinham sido esses campos, quando em formoso dia de inverno os sulcou o ferro do arado; por lagrimas de servos seriam outra vez inundados, quando no mez de julho, a parva, eceitada pela foice, pendesse sobre a mão do ceifeiro; choro de amargura havia ali, como de cinco seculos antes, o houera: então christãos conquistados, hoje de mouros vencidos. A cruz hasteava-se outra vez sobre o crescente quebrado, e os coruchens das mesquitas convertiam-se em campanarios de sê, e a voz do almudán trocava-se por toada de sinos, que chamavam a oração entendida por Deus. Era esta a resposta dada pela raça goda aos fillos d'Africa e do Oriente, que diziam, mostrando os seus braços ruyos e a face de Hespanha — O dicto arado foi desentido! mas a resposta gastou oito seculos a escrever-se. Pelão entalhou com a espada a primeira palavra della nos cerros das Asturias; a ultima gravaram-na Fernando e Isabel, com os pelouros de suas bombardas, nos pannos das muralhas da formosa Granada: e a esta escriptura, estampada em alcantis de montanhas, em campos de batalha, nos portaes e torres dos templos, nos lancos dos muros das cidades e castellos, acrescentou no fim a mão da Providencia — assim para todo o sempre!

Nesta lucta de vinte gerações andavam lidando as gentes do Alentejo. O servo mouro olhava todos os dias para o horizonte, onde se envergavam as serranias do Algarve: de lá esperava elle salvação ou, ao menos, vingança; ao menos, um dia de combate e corpos de christãos estirados na veiga para pasto dos acores bravios. A vista do sangue enxugava-lhes por algumas horas as lagrimas, embora os valentes de Africa houvessem de fugir vencidos; embora as folhas secas, e o tinar a espada de alfanje batendo em ferro de canellas e de coxote. Ao romper d'alva, os cavalleiros do Lidador saíam mais de dous tiro de ballesta além das muralhas de Béja; tudo porém estava em silencio, e só, aqui e ali, as searas calcadas davam rebate de que por aquellos sitios tinham

vagueado almozeiros mouros, como o leão do deserto rodeia, pelo quarto de moorra, as habitações dos pastores além das encostas do Atlas.

No dia em que Gonçalo Mendes da Maia, o velho fronteiro de Béja, cumpria os noventa e cinco annos, ninguém saíra, pelo arrelho da ma, a correr o campo; e, todavia, nunca tão de perto chegara Almo-leimar; porque uma frecha fôra pregada à mão em um grosso sobreiro que sombreava uma fonte, a pouco mais de tiro de funda dos muros do castello. Era que nesse dia deviam ir mais longe os cavalleiros christãos: o Lidador pedira aos pagens o seu lorijão de malha de ferro e a sua boa toledana.

3

Trinta fidalgos, flor da cavallaria, corriam à redea solta pelas campinas de Béja: trinta, não mais, eram elles; mas orçavam por trezentos os homens d'armas, escudeiros e pagens que os acompanhavam. Entre todos avultavam em robustez e grandeza de membros o Lidador, cujas pernas brancas se ondavam, como frocos de neve, sobre o peitoral da sua cota d'armas, e o terrivel Lourenço Viegas, a quem, pelos espantosos golpes da sua espada, chamavam o Espadeiro. Eram formoso espectaculo o esvoacar dos balsões e signas, fôra de suas fundas e soltos ao vento, o scintillar das cervilheiras, as cores variadas das cotas, e as ondas de pó que se levantavam debaixo dos pés dos ginetes, como se levantava o vilção de Deus, varrendo a face da campina resequida, em tarde ardente de verão.

Ao largo, muito ao largo, dos muros de Béja via a atrevida cavalgada em demanda dos mouros; e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavalleiros caminham. Nem um pendão mourisco, nem um albornoz branco alvejam ao longe sobre um cavallo murzelo. Os corredores christãos volteam na frente da linha dos cavalleiros, correm, cruzam para um e outro lado, embrenham-se nos matos e transpiem-nos em breve; entram pelos caminheiros dos ribeiros, apparecem, somem-se, tornam a sair ao claro; mas, no meio de tal lidar, apenas se vêem o troféo compassado dos ginetes e o grito monotonô da cigarra, pousada nos raminhos da giesteira.

A terra que pisam é já de mouros; é já além da fronteira. Se olhos de cavalleiros portuguezes sobussem olhar para traz, indo em som de guerra, os que para traz de si os volvessem a custo enxergariam Béja. Bastos pinheiros começavam já a cobrir mais crespo territorio, cujos outeiros, aqui e ali, se alçavam suaves, como seio de virgem em sico de moidade. Pelas faces tostadas dos cavalleiros cubertos de pó corria o suor em bagas, e os ginetes alagavam de escuma as redes de ferro acatreladas d'ouro que os defendiam. A um signal do Lidador, a cavalgada parou; era necessario repousar, que o sol la no zenith e abrazia a terra: descavalgaram todos à sombra de um azinhal e, sem desfrenar os cavallos, deixaram-nos pascar alguma relva que crescia nas bordas de um arado.

Tinha passado meia hora; por mandado do velho fronteiro de Béja um almozeiro montou a cavallo e aproximou-se à redea solta de uma selva extensa que corria à mão direita; pouco, porém, correu; uma frecha despedida dos bosques sibilo no ar: o almozeiro gritou por Jesus: a frecha tinha-se-lhe embebidado no lado: o cavallo parou de repente, e elle, erguendo os braços ao ar, com as mãos abertas, calmo de braços, tombando para o chão, e o gineté partido desenfreado através das veigas e desapareceu na selva. O almozeiro dormia o ultimo somno dos valentes em terra de inimigos, e os cavalleiros da fronteira de Béja viram o seu tranço do repouso eterno.

«A cavallo! a cavallo! — bradou a uma voz toda a lustrosa companhia do Lidador; e tinido dos ginetes ferrados, batendo na cobertura de malha dos ginetes, soou unisono, quando todos os cavalleiros cavalgavam de um pulo: e os ginetes rincharam de prazer, como aspirando os combates.

Grita medonha trourou no mesmo tempo, além do pinhal da direita. — «Allah! Almo-leimar! — era o que dizia a grita.

Enfileirados em extensa linha, os cavalleiros arabes saíram à redea solta de trás da escura selva que os encubria: o seu numero excedia cinco vezes o dos soldados da cruz; as suas armaduras lisas e polidas contrastavam com a rudeza das dos christãos, apenas defendidos por peles de buei e de vaca de ferro e por grossas cotas de malha do mesmo metal; mas as lanças destes eram mais robustas, e as suas espadas mais volumosas do que as cimittaras mouriscas. A rudeza e a força da raça gothico-romana iam, ainda mais uma vez, provar-se com a destreza e com a pericia dos arabes.

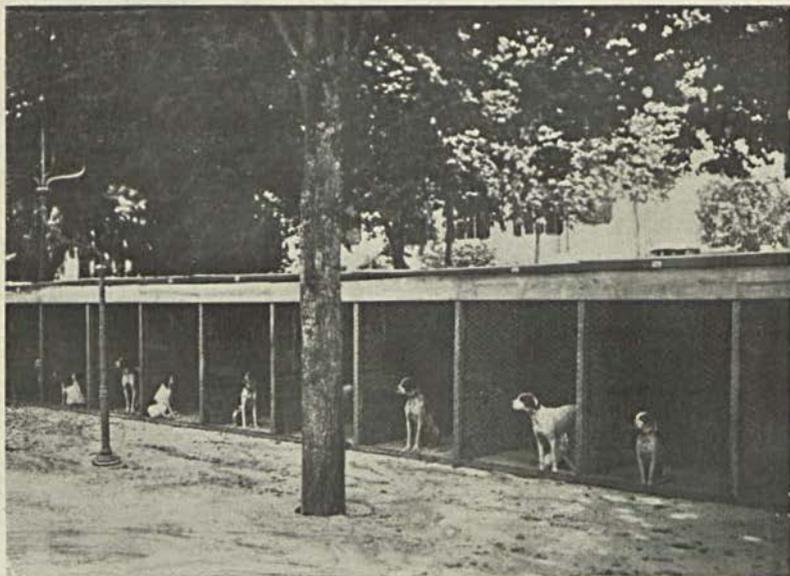
4

Como longa fite de muitas cores, recamada de fios d'ouro e reflectindo mil accidentes de luz, a extensa e profunda linha dos cavalleiros mouros sobrescia na veiga entre as searas pallidas que cubriam o campo. De frente delles os trinta cavalleiros portuguezes, com trezentos homens d'armas, pagens e escudeiros, cubertos dos seus escuros envoltorios, e lanças em riste, esperavam o brado de acommetter. Quem visse aquelle punhado de christãos, diante da copia d'infieis que os esperavam, diria que não combatia com os cavallos, mas com ferros de martyres, se offereciam a desesperado tranço. Porém, não pensava assim Almo-leimar, nem os seus soldados, que bem conheciam a tempera das espadas e lanças portuguezas e a riqueza dos braços que as meneavam. De um contra dez devia ser o imminente combate; mas, se havia ali algum coração que batesse descompassado, algumas faces decoloradas, não era entre os companheiros do Lidador que tal coraçao batia ou que taces faces decoloravam.

Pouco a pouco, a planura que separava as duas hortes tinha-se embebedado debaixo dos pés dos cavallos, como no torreno se embebe a folha de papel saindo para o outro lado convertida em estampa primorosa. As lanças iam feitas: o Lidador bradava Santiago, e o nome de Allah soava em um grito por toda a fileira mourisca.

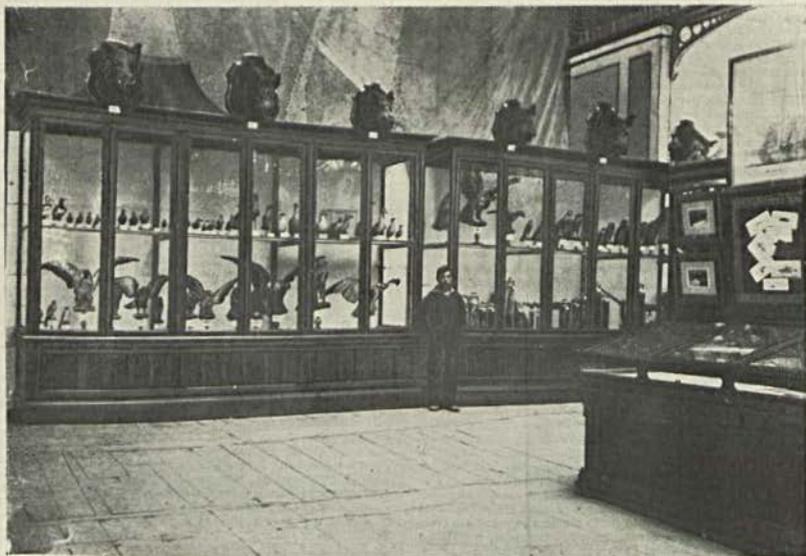
Encontraram-se! Duas muralhas frontieras, baloçadas por violento

Exposição canina internacional, no Porto



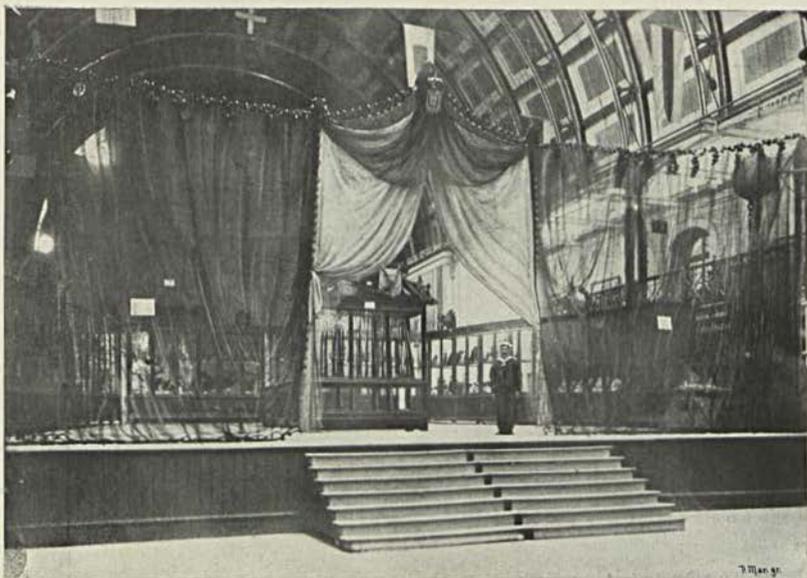
Phot. Guedes—Porto

Exposição canina na Avenida das Tílias no Jardim do Palácio de Cristal do Porto



Phot. Guedes—Porto

Um trecho da exposição de El-Rei no palco da nave central



Phot. Guedes — Porto

EXPOSIÇÃO NO PORTO — Vista do palco onde estavam as colleções de El-Rei



Phot. Guedes — Porto

EXPOSIÇÃO NO PORTO — O professor Girard à sua banca, com o major Dias, almozarife do Faço das Carrancas, no Porto

terremoto, desabando, não fariam mais ruído, ao bater em pedaços uma contra a outra, do que este reconte de inféis e christãos. As lanças, topando em cheio nos escudos, tiravam delles um som profundo, que se



Phot. Aurelio Reis—Porto

EXPOSIÇÃO NO PORTO—Aspecto da nave central

misturava com o estalar das que voavam despedaçadas. Do primeiro encontro muitos cavalleiros vieram ao chão: um mouro robusto foi derribado por Mem Moniz, que lhe falo as armas e traspasso o peito com o ferro de sua grossa lança. Deixando-a depois cair, o velho desembainhou a espada e gritou ao Lidador, que perto d'elle estava.

—Senhor Gonçalo Mendes, ahí tendes, no peito daquelle perro, aberta a seteira por onde eu, velha dona assentada á lareira, costume vigiar a chegada de inimigos, para lhes ladrar, como alcaide de villãos, do cimo da torre de menagem.

O Lidador não lhe pôde responder. Quando Mem Moniz proferia as ultimas palavras, elle topara em cheio com o terrivel Almoleimar. As lanças dos dois contendores haviam-se feito pedaços, e o alfange do mouro cruzou-se com a boa toledana do fronteiro de Béja.

Como duas torres de sete seculos, cujo cimento o tempo petrificou, os dons capitães inimigos estavam um defronte do outro, firmes em seus possantes cavallos: as faces pallidas e enrugadas do Lidador tinham ganhado a immobildade que dá, nos grandes perigos, o habito de os affrontar: mas no rosto de Almoleimar divisavam-se todos os signaes de um valor colérico e impetuoso. Cerrando os dentes com força, descarregou um golpe tremendo sobre o seu adversario: o Lidador recebeu-o no escudo, onde o alfange se embotou inteiro, e procurou ferir Almoleimar entre o tralhão e a couraça, mas a pancada fahou, e a espada deuceu, fiseando, pelo coxete do mouro, que já desencravará o alfange. Tal foi a primeira saudação dos dons cavalleiros inimigos.

—Brando é o teu escudo, velho infiel; mais bem temperado é o metal do meu arnez. Veremos agora se na tua touca de ferro se embotam os fios deste alfange.

Isto disse Almoleimar, dando uma risada, e a cimitarra bateu em cima da cervelheira do Lidador, com a mesma violencia com que bate no fundo do valle penedo desconforme desprendido do pincaro da montanha.

O fronteiro vacillou, deu um gemido, e os braços ficaram-lhe pendentes: a espada ter-lhe-hia caído no chão, se não estivesse presa ao punho do cavalleiro por uma cadeia de ferro. O ginetete, sentindo as redes frouxas, fugiu um bom pedaço pela campanha, a todo o galope.

Mas o Lidador tornou a si: uma forte soffreada avisou o ginetete de que seu senhor não morrerá. A rede solta, lá volta o fronteiro de Béja: escorre-lhe o sangue, envolto em espuma, pelos cantos da boca: traz os olhos torvos de ira: aí do Almoleimar!

Semelhante ao vento de Dene, Gonçalo Mendes da Maia passou por entre christãos e mouros: os dons contendores viram-se, e, como o leão e o tigre, correram um para o outro. As espadas reluziram no ar; mas o golpe do Lidador era simulado, e o ferro mudando de movimento no ar, foi bater de ponta no gorjal de Almoleimar, que cedeu á violenta estocada; e o sangue, saindo ás goltadas, cortou a ultima maldição do agarenno.

Mas a espada deste tambem não errara o golpe: vibrada com ancia, colliera pelo hombro esquerdo o

fronteiro e, rompendo a grossa malha do lorigão, penetrara na carne até o osso. Ainda mais uma vez a mesma terra beben sobre sangue godo misturado com sangue arabe.

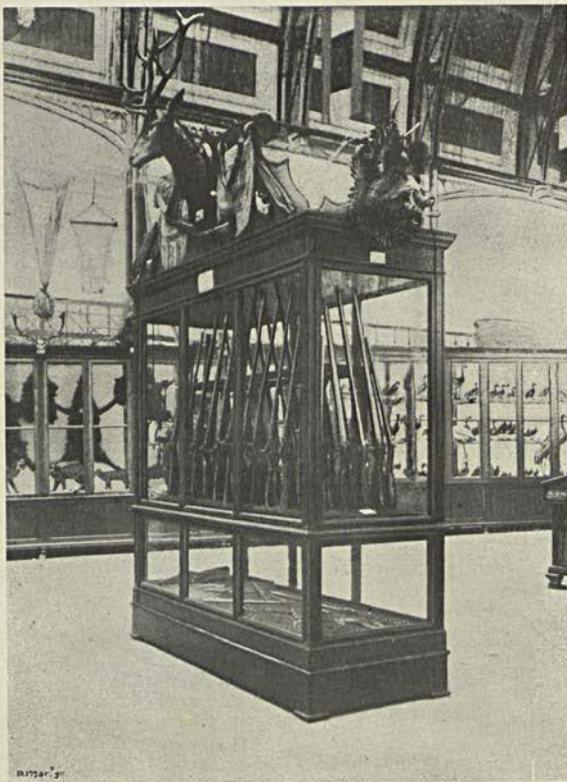
—Perro maldicto! Sabe lá no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que a sua cervelheira.

E, dizendo isto, o Lidador caiu amortecido: um dos seus homens de armas vouu a socorrer-lo; mas o ultimo golpe d'Almoleimar fóra o braço da sepultura para o fronteiro de Béja: os ossos do hombro do bom velho estavam como triturados, e as carnes rasgadas pendiam-lhe para um e outro lado envoltas nas malhas descoídas do lorigão.

5

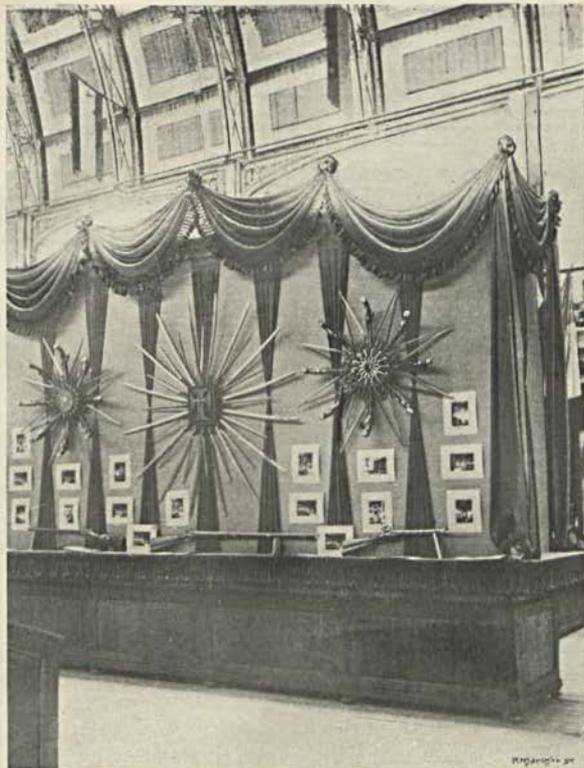
Entretanto os mouros iam de vencida: Mem Moniz, D. Ligel, Godinho Fafes, Gomes Mendes Gedão e outros cavalleiros daquella lustrosa companhia tinham praticado maravilhosas façanhas. Mas, entre todos, tornava-se notavel o Espadeiro. Com um pesado montante nas mãos, cuberto de pó, suor e sangue, pelejava a pé; que o seu agigantado ginetete caíra morto de muitos tiros de frechas e lançadas. De roda d'elle não se viam senão cadaveres e membros destroncados, por cima dos quaes trepavam, para logo recurem ou baquearem no chão, os mais osados cavalleiros arabes. Como um promontorio de escarpados alcantos, Lourenço Viegas estava immovel e sobranceiro no meio do embate daquellas vagas de pelejadores, que vinham desfazer-se contra o terrivel montante do filho de Egas Moniz.

Quando o fronteiro caiu, o grosso dos mouros fugia já para além do pinhal; mas os mais valentes pelejavam ainda á roda do seu capitão moribundo. O Lidador esse tinha sido posto em cima d'umas andas, feitas de troncos e franças de arvores, e quatro escudeiros, que restavam vivos dos dez que consigo trouxera, o haviam transportado para a caça da cavalgada. O timor dos golpes era já muito frouxo e sumiu-se no som dos gemidos, pragas e lamentos que soltavam os feridos derramados pela veiga ensanguentada. Se os mouros, porém, levavam, fugindo, vergonha e damno, a victoria não saíra barata aos portuguezes. Viam perigosamente ferido o seu velho capitão, e tinham perdido alguns cavallei-



Phot. Guedes—Porto

EXPOSIÇÃO NO PORTO—A armaria de El-Rei



Phot. Gaudes — Porto

EXPOSIÇÃO NO PORTO — Instalação do Museu de Artilheria

ros de conta e a maior parte dos homens de armas, escudeiros e pagens.

Foi n'este ponto que, ao longe, se viu erguer uma nuvem de pó, que voava rapida para o logar da pejeia. Mais perto, aquelle turbilhão rascou, vomitando do seio um basto esquadrão de arabes. Os mouros que fugiam deram volta e gritaram:

«Ali-Abu-Hassan! Só Deus é Deus, e Mohammed o seu propheta!»

Era, com effeito, Ali-Abu-Hassan, rei de Tangere, que estava com seu exercito sobre Mortola e que vieram com mil cavalleiros em soccorro do Almoelmar.

6

Cansados do largo combater, reduzidos a metade de metade em numero e cubertos de feridas, os cavalleiros de Christó invocaram o seu nome e fizeram o signal da cruz. O Lidador perguntou com voz fraca a um pagem que estava ao pé das andas, que nova revolta era aquella.

«Os mouros foram soccorridos por um grosso esquadrão — responder tristemente o pagem. — A Virgem Maria nos acuda, que os senhores cavalleiros parece recuarem já.»

O Lidador cerrou os dentes com força e levou a mão á cineta. Bucava a sua boa toledana.

«Pagem, quero um cavallo. Onde está a minha espada?»

«Aquí a teu senhor. Mas estas são quebrado de forcas!...»

«Silencio! A espada, e um bom ginete.»

O pagem deu-lhe a espada e foi pelo campo buscar um ginete, dos muitos que andavam já sem dono. Quando voltou com elle, o Lidador, pallido e cuberto de sangue, estava em pé e dizia, falando consigo.

«Por Sanctiago, que não morrerei como villão de bebetria onde entrou cavalgada de mouros!»

E o pagem ajudou-o a montar a cavallo.

Ei-lo vai o velho fronteiro de Béja! Semelhava um espectro erguido de pouco em campo de findos; debaixo dos muitos pannos que lhe envolviam o braço e o hombro esquerdo levava a propria morte; nos fios da espada, que a mão direita mal sustinha, levava, porventura, ainda a morte de muitos outros!

7

Para onde mais travada e accessa andava a pejeia se encaminhou o Lidador. Os christãos affrontavam diante daquella multidão d'inficis, entre os quaes mal se enxergavam as cruces vermelhas pintadas nas cimeiras dos portuguezes. Dous cavalleiros, porém, com vulto feroz, os olhos turvados de colera, e as armaduras crivadas de golpes, sustinham todo o peso da batalha: Eram estes o Espadeiro e Mem Moniz. Quando o fronteiro assim os viu offerecidos a certa morte, algumas lagrimas lhe caíram pelas faces, e, esporeando o ginete, com a espada erguida, abriu caminho por entre inficis e christãos e chegou aonde os dous, cada um com seu montante nas mãos, faziam larga praça no meio dos inimigos.

«Bemvindo, Gonçalo Mendes! — disse Mem Moniz. — Quizeste assistir connosco a esta festa de morte? Vergonha era, de feito, que estivessem fazendo teu passamento, com todo o reposito, deitado lá na ega enquanto eu, velha dona, espireito os mouros com meu sobrinho juncto desta lareira...»

«Implacaveis sois vós outros, cavalleiros de Ribadouro — respondeu o Lidador em voz sumida — que não perdoeis uma palavra sem malicia. Lembra-te Mem Moniz de que bem depressa estaremos todos diante do justo juiz.»

«Velhos sois; bem o mostraes! — acudiu o Espadeiro. — Não curies de vans porfias, mas de morrer como valentes. Demos nestes perros, que não osuam chegar-se a nós. A'vante, e Sanctiago!»

«Avanete, e Sanctiago! — responderam Gonçalo Mendes e Mem Moniz: e os tres cavalleiros deram rijamente nos mouros.

8

Quem hoje ouvir recontar os bravos golpes que no mez de julho de 1170 se deram na veiga da fronteira de Béja, notá-los-ha de fabulas sonhadas; porque nós, homens corruptos e infraquecidos por ocio e prazeres de vida afeminada, medimos por nosso animo e forças as forças e o animo dos bons cavalleiros portuguezes do seculo xiv; e todavia, esses golpes ainda soam, através das eras, nas tradições e chronicas, tanto christans como agrenas.

Depois de deixar assignadas muitas armaduras mouriscas, o Lidador vibrara pela ultima vez a espada e abriu o elmo e o cráneo de um cavalleiro arabe. O violento abalo que experimentou fez-lhe rebentar em torrentes o sangue da ferida que rebentava das mãos de Almoelmar, e cerrando os olhos, caiu morto ao pé do Espadeiro, de Mem Moniz e de Afonso Hermigues de Bayão, que com elles se ajuntara. Repousou, finalmente, Gonçalo Mendes da Maia de oitenta annos de combates!

Já a este tempo christãos e mouros se haviam descido dos cavallo e pejejavam a pé. Traziam-se assim á vontade, e recrecia a cruzada da batalha. Entre os cavalleiros de Béja espalhou-se logo a nova da morte do seu capitão, e não houve alli olhos que ficassem enxutos. O despeito do proprio Mem Moniz deu logar á dor, e o velho de Ribadouro exclamou entre soluços:

«Gonçalo Mendes, és morto! Nós todos quanto aqui somos, não tardará que te sigamos; mas ao menos, nem tu, nem nós ficaremos sem vingança!»

«Vingança! — bradou o Espadeiro, com voz roca, e rangendo os dentes. Den alguns passos, e vinse-o seu montante reluzir, como uma centella em cou proceloso.

Era Ali-Abu-Hassan; Lourenço Viegas o conhecera pelo timbre real do mortuio.

9

Se já vivesses vida de combates em cibale sitiado, teres visto muitas vezes um vulto negro, que sem linha de demarcação corta os ares, susurrando e gemendo. Rapido, como um pensamento criminoso em alma honesta, elle chegou das nuvens á terra, antes que vos lembraisseis do seu nome. Se encontrou na passagem angulo da torre secular, o marmore converte se em pó; se atravessou pelas ramas de arvore hasta e frondosa, a folha mais virente e fragil, o raminho mais tenro é dividido, como se, com catelo subtilissimo, mão de homem lhe houvera cercado attentamente uma parte; e, todavia, não é um ferro acalado: é um globo de ferro; é a bomba, que passa, como a maldição de Deus. Depois, debaixo d'ella, o cilo achata-se, e a terra espada-se aos ares; e, como agitada, despedaçada por cem mil demónios, aquella machina do inferno estoura, e de roda della ha um zumbir sinistro: são mil fragmentos; são mil mortes que se derramam ao longe. Então faz se um grande silencio, e após o silencio vêm-se corpos destroncados, poças de sangue, arcabuzes quebrados, e ouvem-se o gemer dos feridos e o estertor dos moribundos.

Tal descem o montante do Espadeiro, hoto já dos milhares de golpes que o cavalleiro tinha desarragado. O elmo de Ali-Abu-Hassan fuscava, voando em pedagos pelos ares, e o ferro christão, esmigalhando o cráneo do infel, abriu-o até os ossos. Ali-Abu-Hassan caiu.

«Lidador! Lidador! — disse Lourenço Viegas, com voz comprimida.

As lagrimas misturavam-se-lhe nas faces com o suor, com o pó e com o sangue do agareno, de que ficou cuberto. Não pôde dizer mais nada.

Fôo espantoso golpe aterrou os mouros. Os portugueses seriam já apenas sessenta, entre cavalleiros e homens d'armas; mas pelejavam como desesperados e resolvidos a morrer. Mais de mil inimigos juncavam o campo, de envolta com os christãos. A morte de Ali-Abu-Ilassan foi o signal da fugida.

Os portugueses, senhores do campo, celebravam com prantos a victoria. Poucos havia que não estivessem feridos; nenhuns que não tivessem

O Mediterraneo

(A proposito da memoria militar de Xavier Machado)

O Mediterraneo, que no immenso espelho das suas aguas se avanta a todos os lagos, bem merecendo a denominação de mar, e pelo confronto com os oceanos se afigura lago, tem na hydrographia do pla-

Carvalho, militar até á medulla dos ossos e illustrado como os que mais o são, estava viçto o seu empenho.

E, de facto, aquellas tão meditadas, como bem traçadas paginas, são profundamente suggestivas, ao lê-las perpassam-nos por diante dos olhos bandeiras ondantes; aquecem-nos ao calor da refrega, em que se abraçam fortalezas e os couraçados, navegando por entre as demarcadas linhas dos triangulos estrategicos; o *krak* das granadas, o som estridente do apito, ou do clarim, a cortarem as notas dos hymnos; a onda sempre crescente da lucta; a tempestade de ferro e fogo despedindo incessantes

lade e não lhe rendem menor culto o altivo Lacio, entretecendo com o fantastico da lendas a descripção de seus abysmos, ou apontando sobre as taboas com o estylo apartado de escriptores de eleição as empresas bellicas, de que foi meo, ou theatro.

Por elle veio a civilisação, como as antigas naves da Phenicia, ou de Carthago, na derrota do sol, seguindo lentamente desde a India fabulosa até ás remotas plagas occidentaes. Caliam imperios, soffriam exodo os povos e o facho sempre acceso, como o fogo sagrado da pyra, passava da mão de um para a de outro, ardendo ante um nome, a que fatalmente

A COLONIA BRASILEIRA NO PORTO—PORTUGAL



Phot. Biel

José Augusto da Silva Ribeiro

Augusto Pinto Chaim Junior
Alfredo Guimarães

Avelino da Silva Rios

José Carlos Ramalho Junior

Dr. Egenio Augusto Dias Colonna

Dr. Arantes Pereira

Dr. Alberto Baes Conrado
Consul do Brasil no Porto

Ernesto Francisco Velho

Francisco Ferreira da Silva

Adriano da Costa Ramalho

José Luiz Ferreira Fontes

José Marques Merino

Dr. Antonio Rigaud Nogueira

Antonio Tavares Bastos

José Tasso Ferreira de Sousa
José Teixeira da Silva Braga Junior

Dr. José Candido de Faria

João Marques Saldanha

Joaquim Ferreira Cardoso

as armas faladas e rotas. O Lidador e os demais cavalleiros de grande conia que naquella jornada tinham acabado, atravessados em cima dos ginetes, foram conduzidos a Béja. Após aquelle tristissimo prestito, iam os cavalleiros a passo lento, e um sacerdote templario, que fora na cavalgada, com a espada cheia de sangue metida na bainha psalmeava em voz baixa aquellas palavras do livro da Sabedoria:

Justorum autem animae in manu Dei sunt, et non tanget illos tormentum mortis.

ALEXANDRE HERCULANO.

neta a mesma posição intermedia, que lhe cabe no velho mundo, apertado, como se vê, pelos grandes continentes.

Parece ter sido adrede creado alli pela natureza, como vasta arena, para n'ella se achar o choque fatal dos povos, das raças, das religiões; as pugnas de expansão, ou de supremacia.

Que Xavier Machado não escreveu de animo propenso a idyllios bem o revela a dedicatória a um dos mais proeminentes officiaes do nosso exercito. Inscrevendo na testa da obra, em dedicatória, o nome prestigioso e sympathico do coronel de Estado Maior, o sr. João Martins de

relampagos zangados de metralha. Deus sabe se nova Lissa virá a brilhar, de luz immortal, e outro *Ré d'Italia* trará aos fastos navaes nome de tão fulgida, como gloriosa, auréola.

O Mediterraneo tem sido [através das idades] um bello sonho para pensadores de todos os paizes. Celebrou-o em carmes divinos a velha Hel-

tudo se ia curvando, mas que ninguém positivamente adorava: a civilisação, que só os povos modernos puderam comprehender e venerar.

Todas as nações, que tiveram na terra uma hora de grandeza e de supremacia lá foram soltar vélas e beijar-lhe as aguas, que se espreguiçam em onda curta e rapida até aos recessos de Veneza, onde no doirado tempo dos doges casavam o murmúrio com os cantos de amor e de ciume, com o rythmo *dolente* das barcarolas.

No livro dos destinos, em que pretenderam lêr as sibyllas das suas praias, estava escripto, que a influencia do Mediterraneo nunca se poderia

apagar da tela, onde os estados, que disputam a hegemonia, vão traçando os seus mais grandiosos problemas. A's correntes commerciaes de maior vulto tem de ser para todo o sempre a principal estrada. Só Vasco da Gama levou a ousadia a desviar-las d'alli e o feito attingiu as cunhadas da epopéa da sua raça; mas lá se fez voltar o genio de Lesses.

A divisa de Sagres: *talent de bien faire*, devia defrontar-se com esta outra: *operte ferrum gentibus*. E se a segunda fór levada ás ultimas e naturaes consequencias, que para os *chats* do norte de Africa derivam, e o que ainda hoje é chimera, já por muitos afogada, vier a traduzir-se em realidade, os extensos lagos, quebrando a monotonia e aridez dos plains devastados pelo simon, perturbando o socego das solidões com a vida moderna, com o movimento febril, que de conflictos não surgirão!

O grande Ibanez ponde do Pico de Mullaceu, no alto da Serra Nevada, com um systema de projecções a longas distancias, ligar a triangulação européa á africana, por cima das suas aguas poder-se-ha porém, conseguir — sem obstaculos politicos, ou economicos de maior — realisar a ligação ferro-viária da costa hespanhola com a mourisca, como está projectada, por debaixo das aguas do estreito, zombando assim das duas correntes de temperatura, sobrepostas, que elle possui; dos canhões de Gibraltar; dos crimes das potencias?

O que poderá advir das grandes linhas de penetração da Asia, a que o Mediterraneo serve directa, ou indirectamente, de prolongamento; de Marrocos, de Tripoli, do Egypto, da eterna questáo do Oriente, d'esses restos dispersos do imperio do Islam; de toda a serie de ambições, que se vae desencadeando com a furia do tufão por essa Asia fóra, até onde o chinês succumbe e o Japão se desentrenha em prodigios de vitalidade com exercitos aguerridos e poderosa esquadra de combate?

Ao pensarmos no Mediterraneo nada pode dissipar, antes vemos adensarem-se mais e mais as brumas, que estão occultando o mysterioso futuro. Nem um raio de luz a rasgar o véo, que nos opprime o espirito annuviado! os pontos de interregião por toda a parte se succedem, como os episodios, que pela imaginação desvaivada traça a vertigem do sonho.

E não se pensa n'elle sem delirio, quer cogitemos sobre o que nos trará o dia de amanhã; quer, voltando a vista para o passado, vamos, de retrocesso em retrocesso, até os nebulosos primordios da civilização n'um desfilar incessante das mais opulentas grandezas e das mais deprimentes miserias, n'um quadro de vivissima luz e de carregadas sombras, como as que Dante pintou nos cyclos do seu Inferno.

Lá passa em doído turbilhão o maior imperio do mundo de envolta com florescentes republicas, ou reinos igualmente minusculos; e tyrannia em nome de todos os principios; a Roma pagã e a dos papas; paganismo, judaismo, christianismo, mahometismo; o estandarte do propheta, a conquista de Byzancio, a idade moderna, assignalada por um dos mais gloriosos triumphos da selvageria; estados que nascem e outros que succumbem; a opulencia das antigas litteraturas, ricas de nomes e de brilhantes paginas. E' um sem cessar de quadros, qual o mais vivo e empolgante.

Uma analyse retrospectiva abrange quasi toda a historia da humanidade, farto assumpto para grossos volumes, pejanando infindas bibliothecas e d'ella resalta a importancia d'este mar, seja qual fór o ponto de vista porque o encaremos, bem como a exploração das preoccupações que está dando ás diversas chancellarias.

Não admira que este mar, ou grande lago, tenha dado origem em todas as epochas historicas a disputas e contendas, porque o nascimento, que não consta de memoria de homem e que só a geologia pelos seus fecundissimos processos pôde enxergar, foi assignalado por um d'esses medonhos cataclysmos, em que o nosso planeta se comprazia durante a aventureira mocidade, entretenimento para elle mais favorito do que o fazer madrigaes á lua e ás estrellas e esta condição ainda não vae bem mudada com o tempo.

Ao abrirem-se as grandes fossas do Mediterraneo toda a terra soffreu convulsão enorme. Seria digno da penna de Tacito, ou do pincel de Miguel Angelo, o traçar a batalha, que travaram os mares com os continentes d'essa affastadissima época geologica.

Contorcem-se o marmore nos seus jazigos e as proprias rochas igneas não escaparam á furia das revoltas aguas, á violencia das vibrações sísmicas.

Toda a hydrographia e orographia se alteraram de um jacto.

Se o homem já podesse existir sobre o globo e a mão de propicia fada o levasse a escapar á voragem, julgar se-ia transportado a um mundo novo.

As pontas dos litoraes, que se dirigem para o sul, a indicarem o eterno inacessivel, todas se dobraram e nem os Andes, que viram reflectir-se a sua immensa linha de cunhada, poderam escapar.

Se assim foi o nascimento e até agora o Mediterraneo nunca desdesse de tão ruidosa origem, razão é para desconfiarmos que no futuro, apesar dos seus annos, não deixe de ser buliçoso.

L. F. MARREAS FERREIRA.



Não é grande o homem que não tem valor de ceder á adversa fortuna.

O espirito mais forte é o que melhor conhece a propria fraqueza.

O dinheiro deve ser considerado como um meio e não como um fim.

As dignidades são laços cercados de brilhantes para induzirem os incautos a cahirem n'elles.

Todo o mal que se não pôde evitar, alijeira-o a paciencia.



Phot. Guedes — Porto

EXPOSIÇÃO NO PORTO — Instalação da Direcção Geral de Marinha

Eu e as notabilidades litterarias



D E um livro, em adiantada preparação, que terá por título CINQUENTA ANOS DE JORNALISMO, *confissões de um é-penitente*, destaco o capítulo, a que puz a epigrapha acima, para o dar, como brinde de novidade, aos leitores d'este jornal, onde tão affectuoso acolhimento tenho sempre encontrado.

Talvez ainda venha a trasladar para aqui outro ou outros capítulos, mas isso fica para mais tarde.

Eu e as notabilidades litterarias! Poderá algum melindroso de cortezias e pragmaticas estranhar o não haver invertido os termos do título, podendo modestamente na cauda o pronome que me representa.

Ora em lhes digo: Não perdem nada os grandes vultos da litteratura do meu tempo em estar typographicamente á minha direita, nem eu aumento de valor, por me inscrever antes d'elles, disfarçado em um pronome pessoal; depois, eu queria dar conta das minhas relações com elles, que as vezes foram intimas, outras escassas ou nullas, e não das suas relações comigo, visto que não ponhos e não mais notavias talvez nem chegassem a saber que eu existia, ou se o souberam depressa o esqueceram; e por fim, nem todas as considerações e respeiticas d'este mundo me levariam a commetter o horrivel hiato, que me ficaria d'í-cu.

Façam de conta que eu estou in loco, muito sumido e escondido e vão saber como, onde e quando vi, tratei ou pratiquei os grandes homens do segundo quartel d'esse seculo, que se chamam das luzes, e que ha pouco ainda se afundou no pelago incommensuravel do passado.

Já contei n'outro capítulo o santo horror em que fui educado litterariamente a respeito de Garrett, Castilho e Herculano, já disse como, em 1850, saí de Lisboa acreditando, como m'o fazia acreditar o meu mestre Antonio Caetano Pereira, que nenhum dos tres valia coisa que se visse ou de que, na historia da litteratura patria, devesse ficar menção; e bem assim de que maneira, tres dias depois, na Figueira da Foz, me caiu a venda dos olhos, e desde logo comecei a estudal-os e a aprecial-os nas suas obras.

Garrett vi-o conscientemente a minha unica vez na minha vida. Era n'uma tarde de primavera e seguia elle pela Patriarchal Queimada, hoje Praça do Principe Real, a cavallo, como era então da ultima elegancia.

Vestia, como sempre, no rigor da moda: calça amarrada, e por sobre o casaco, judia azul, de que só trazia enfiada a manga esquerda, para melhor segurar as redas, pendendo a direita de cima do hombro, ao desdem, como tambem era, a esse tempo, da mais aprurada elegancia.

Judia, sobretudo imitado do traje dos judeus das tamaras, então frequentissimos em Lisboa, era um pouco mais curta do que as d'elles, ficando apenas pela altura dos joelhos, tinha mangue de barmante ou de boca de sino, muito mais largas no punho do que no hombro, alamares e cordões pretos, grande capuz terminado por uma borla e variados bordados a trancinha, em todos os pontos onde em vestuarios de homem se têm usado bordaduras ou enfeites.

Seguia o grande poeta, flamantissimo, com o seu chapéu de castor, sobreposto á sua cabelleira de cabelo comprido, a sua barbinha que então se chamava, nas salas, sem rebuco algum, de passa-piolho, a emoldurar-lhe o rosto, e a dar-lhe um tom ridiculo, que já os seus traços de peralvilio, segundo a locução coeva, accentuavam, por improprios dos seus cinquenta annos de idade, então quando os homens envelheciam muito mais cedo do que hoje para o culto das modas.

E ali alli, n'aquella enadermação de janota do Marrare de Polimonte, num dos mais grandiosos vultos da nossa regeneração litteraria, o poeta, o dramaturgo, o romancista, o academico, o orador, o estadista, o soldado da liberdade, o genio que havia de encher e glorificar o seu seculo!

E eu, com os olhos d'alma vendados, não podendo apreciar o miolo e só vendo a coada, como que me conveni de que tinha razão o meu caturra Antonio Caetano, e que aquelle era um dos tres que não valiam nada!

Em dezembro do anno 1854, uma tarde, andando a rapaziada academica de passeio pelas velhas ruas do bairro alto, de Coimbra, estourou de subito a noticia de que tinha morrido o visconde de Almeida Garrett, e, como por um impulso magnetico, todos se congregaram em conciliabulos, todos queriam duvidar da noticia, todos deploravam a perda irreparavel para as letras patrias, e eu era um d'elles e dos mais sentidos e doridos, perguntando a mim proprio quem havia de tornar a escrever um romance como o *Arco de Sant'Anna*, um folhetim como as

Viagens na minha terra, um drama como o *Frei Luiz de Sousa*, um poema como o *Camões* ou a *D. Branca*, uns versos como as *Folhas Caducas*.

E' que em consumira quatro annos a identificar-me com aquelle espirito sublime, e se não levei a audacia a escrever-lhe dos desertos moraes de Lusa Athenas, como Gomes de Amorim lhe escreveu das solidões do Amazonas, convivia com elle todos os dias, conversava-o até á intimidade, lendo e relendo as suas obras, e erravam-se-me os cabellos cada vez que os olhos me caíam sobre aquelle *Ningues* do romeiro.

Era meu amigo intimo esse homem que eu virá só uma vez, que olhára com desdem pela sua apparencia, e que depois me povouo o espirito, de modo a chorar-lhe a morte, como se pôde chorar a de uma pessoa querida.

Não menos admirava ou já Alexandre Herculano, que nem de vista conhecera em Lisboa, quando corren a nova de que o grande historiador estava em Coimbra de visita ao seu particular amigo Dr. Ferrer.

Vicente Ferrer de Netto Paiva era um grande sabeloso de direito, e Herculano folgava em consultal-o, estreitando-se d'ahi a amizade, tão intima que entre as cabulas corria a lenda de ser milagroso o effeito de uma carta d'elle para o severo lente, mas só quando levasse a data em cima.

Phantasia de rapazes, pois, dado o caracter austero do solitario da Ajuda, mais provavel era que nunca em sua vida tivesse escripto uma carta de recommendação, quanto mais tantas que chegassem para descobrir o effeito da data posta ao alto ou no fundo.

Que elle, por esse tempo, havia d'essa extravagancia! Entre os dois mareches o signal de verdadeiro interesse era um borrião. Ora aconteceu que um sargento tendo de levar de um duque para o outro uma carta aberta, reparando no borrião, julgou por certo dever apagal-o com toda aquella paciencia e pericia que era peculiar aos sargentos; e d'ahi não foi servido, com grande espanto do signatario, que teve de escrever nova carta e novo borrião, d'esta vez não apagado por feliz acaso ou por indistancia pelo protector.

Ferrer, solteiro sem familia, era intimo amigo de um lente de medicina, seu clinico assistente, em cuja casa havia senhoras, parceiros para o voltarete, piano e músicas que o tocassem. E por isso Ferrer frequentava lá o seu illustre hospede, que eu tive ensejo de ver de perto e pela primeira vez e de admirar na sua figura alquebrada, como se o corpo não possedes com o peso de tão grande cerebro, na sua apparencia modesta mas sombria, sympathica mas não atraiente.

Estava alli sentado a um canto, sem falar com pessoa alguma, aquella bella fronte, cortada de um gilvas, pendida, a barba quasi a esconder-se dentro do amplo lenço de seda preta que lhe voltava o pescoço, estava alli o auctor do *Eurico*, do *Monge de Cister*, da *Harya do Crente*, o homem que escrevera aquelle sublime capitulo *Impossivel* e aquellas alegres paginas do *Parochio d'Aldeia!* O historiador é que eu não via, nem d'elle me occupava, para estar pensando no litterato que tanto me deliciara e me instruiu, que eu tanto desdenhei, fiado na autoridade de Antonio Caetano, e que depois tanto soube admirar e bemquerer, como mestre seguro para quem tinha, embora modestissimas, aspirações litterarias.

A dona da casa, que recibia Herculano, com a mais ingenua sinceridade burgueza, poz logo a filha no piano a tocar valzas e contradanzas e armou um balneario com meninas e rapazes para honrar tão illustre hospede; e como elle, alleado de tudo, continuasse a permanecer imovel e mudo a um canto, foi-lhe perguntar se não dançava e depois pedir-lhe que dançasse.

Sobre a recusa secca, a amabilidade e cortezia d'esses tempos estava reclamando a insistencia, e a mulher do medico insistiu, até ser impertinente, e fazer perder a paciencia ao sollicitado, que, esquecendo o seu papel de grande homem, poz por epilogo aquella scena a exclamação já desabrida:

— Olhe, minha senhora! o diabo me leve se eu levantar o r... d'esta cadeira

O que a pobre da senhora dizia depois, de espantada que ficou, apesar do contraganto nasal de Inguagueu que por então havia nas casas de Coimbra, contagiado pelo mau habito dos estudantes, ainda os mais bem educados!

Mais tarde, quando regresses a Lisboa, já depois da morte de D. Pedro V, tinha Alexandre Herculano ido esconder a sua misanthropia em Valle de Lobos, a cuidar da industria azeiteira, que mais o enlevava do



Pedro Brusque (Phot. amador)

que a continuação da sua obra monumental. O azeite passou e a historia ha de ficar para todo o sempre, embora incompleta, como tantas sublimes obras de arte.

O litterato, que primeiro arrancao á historia patria paginas romanticas e abriu caminho a outros romancistas, que foram beber no mesmo inexaurivel manancial, esse filho do seu tempo e da sua educação, que sempre deixou o cunho da individualidade grandiosa em todas as suas obras, já não terá hoje leitores que o admirarem com o entusiasmo das da minha criação e idade; mas o historizador ha de ser sempre admirado e consultado pelos eruditos, e se, com o andar dos seus edificios mais novo e mais completo se levantar, ha de firmar sobre aquelle magestoso edificio historico os seus fundamentos.

O titulo de primogenito no estudo da historia patria á luz da moderna sciencia e não roubará o trabalho no pó dos archivos ninguém lh'o rouba, nem roubará o tempo ao correr dos seculos.

Mas o solitario do Valle de Lobos raras vezes vinha a Lisboa, e quando vinha, ia sentar-se na loja do livreiro Bistrand, ao Chindo, ou se quedava á porta, curvo, pensativo, quem sabe se a cuidar no fabrico do azeite, se na doença que o ia minando.

Eu não só não procurava aproximar-me d'elle, mas até lhe fugia. Tinha-lhe como que um medo supersticioso. Parecia-me profanação aproximar a minha obscura individualidade d'aquella individualidade brilhante, e podendo passar-lhe, bem no pé, desaperecendo, pois que elle não me conhecia, quando se eu, de cá de cá, me atrevesa á porta do livreiro, atravessava para o outro lado da rua, n'um movimento instinctivo e respeitoso, como o que se tem a contemplar um monumento, em que se não vae tocar com o dedo.

A idéa da grandeza humanada via-a alli; e por isso, quando foi da sua morte, tambem fui em respeitosa peregrinação até á igreja da sua morte.

Contar as peripetias d'essa jornada, que tanto destoam da gravidade solenne e triste do acto, é coisa de cá de cá, e não quero substituir o tom faeato pelo que mais se coadunaria com o enterro de um dos nossos mais gloriosos vultos litterarios. Mas não tenho culpa das occurrencias, de que nem eu só fui a victima.

Markada a hora matinal da partida do comboio para Santarem, eu, eterno mandrão, mal tive tempo de enfiar a casaca e pôr o collar da academia, — collar solitario, razão por que aqui o menciono.

Cheguei á estação do Cais dos Sapatos, quando se estava a fechar a porta e saltei por cima do balcão de mercadorias para poder alcançar a carruagem. Foi eu entrar e o comboio partir.

Na mais natural de todos os jejus; mas consolava-me a idéa de que ia para uma terra de recursos, uma cidade, onde em qualquer minuto livre teria um bom almoço.

Nem sabia onde era a Azoia, nem Valle de Lobos, nem qual era o caminho para lá. Imaginei uma paragem na cidade e logo um breve percurso.

Qual o meu espanto, quando, apenas saímos da estação, começo a ver na esplanada muitos burriheiros a offerecerem por preços fabulosos burrinhos para a Azoia, burrinhos lazarentos com uns albardões mais lazarentos ainda.

Tenho um certo culto pela casaca, e assim como, se fosse de quinzenta ou frague, estaria lendo escurachado n'um jumento, assim tambem como o traje que levava me parecia supinamente ridiculo tal meio de transporte, e mais ridiculo ainda quando vi alguns dos meus encasacados companheiros já cavalgando os orhulhados romcantes.

Hesitava na solução do problema, quando Ernesto Biester, ao ver-me de collar, me veio dizer que a academia tinha um trem e em um lugar n'elle.

Accitei, deferindo a esperanza do almoço para quando chegasse á Azoia.

Uma capella modestissima, perto d'ella uma casa onde estava o feretro, e n'essa casa offerecia-se vinho ou genebra com agua aos encalmados peregrinos. Coisa de comer parece que não havia n'uma legua em redondeza, e por conseguinte resignei-me a não comer nem beber até regressar á estação ferro-viaria de Sautarem, onde, não sei como, imaginei que havia um bufete.

Sain tarde, já pela tardinha, o cortejo em que se acovelavam notabilidades sociaes, e entre ellas o ministro da justiça, representante do governo. Acuitavamos um ventinho agreste, quando o corpo ficou depositado no adro da capella; e tão enregelados estavam todos ou tão pequeno se sentia cada um diante da grandeza intellectual d'aquelle cujo corpo batava á terra que nem o ministro, nem os parlamentares, nem os academicos, nem os litteratos presentes osaram dizer duas palavras de homenagem ao glorioso morto, que só teve a commemoração a voz menos autorisada de um excellento rapax e modesto cultor das letras, Andrade e Almeida.

E assim, sem mais culto externo, sem maior reverencia, sem pompas da palavra, como as não havia da religião, ficou dormindo o somno frio da morte no desamparado da Azoia o despojo mortal d'aquelle peregrino engenheiro, até que um a piedade justissima de amigos e o tributo de veneração da patria o trasladaram para o sumptuoso mastoleiro de Belem.

No regresso, nova burricada, menos para os academicos de que tive a felicidade de fazer parte, e mal cheguei á estação, já noite adelantada, corri em busca do imaginario bufete da estação. Presunto de fambre rancoso, pãesinhos de vintem, e bolos sedicões, misturados com tabaco e botijas do correja, era tudo quanto havia na cantina.

Por precaução sanitaria rejeitei o presunto, como por nojo rejeitei os bolos, acabando por comprar um pão; mas a quantidade de genero não era muita, de modo que, quando o ministro da justiça chegou, apenas obtive uma avara gordurenta de fambre.

Eil-o a propor-me trocar metade do seu petisco por metade do meu pão, e eu a partir este e a rejeitar aquelle; quando novo pedinte veio ainda solicitar-me a metade da minha metade, que não recusei.

Eram mais de dez horas quando chegámos a Lisboa, tendo em comido em todo o dia que a dez horas quando chegámos a Lisboa, tendo em comido

Pois, passados tantos tormentos, julguei que devia completar a obra, e fui para a redacção da *Revolução de Setembro* escrever um largo artigo

commemorativo do finado, e só á meia noite logrei sentar-me à mesa para almoçar, jantar e ceiar.

Feliz robustez a minha n'esse tempo, em que tão entosa, mas não regateada homenagem prestei ao grande luminar do nosso ceu litterario, áquelle cujo nome será immortal, como as suas obras.

(Continúa)

A. M. DA CUNHA BELLEM.



O MEU POEMA

A minha mulher

Hei-de escrever um Poema,
Mimo de misturar:
«Amor será o seu thema,
«Amor... o entio venturo».

As linhas — raios do sol,
As letras — gemos d'estrellas,
As tintas — um arrebol,
Formarão paginas bellas!

As folhas — petlas de flores
Fortadas á tua traça —
Dar-me-hão as sete-córas
D'um novo Aro-da-Alliança!

A pena vou em roubar
A canoro passarinho,
Que eu irei desenterrar
No pez sereno do ninho.

A inspiração hei-de tel-a
Na limpidez do luar,
Nos cantos da flonema,
No jardim do nosso lar.

Terá quadras primorosas,
Termas, mimosas, suaves...
Das que nos segredam rosas,
Das que nos gorgeiam aves!...

Lisboa

Mariano Gracias



Typo de belleza

BRASIL PORTUGAL

Composições e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo de Londe Barão, 20

Paginas supplementares: Off.º Estúdio Nunes & F.ºº
Rua d'Assumpção, 19 & 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castro, Jayme Victor, Lordo Travenç
Editor—Luiz Antonio Sanches

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 125
Eml. telegraphico—BRATGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Anno.....	30\$000	Anno.....	52\$000
Numero avulso.....	2\$000	6 mezes.....	28\$500
		3 mezes.....	15\$500
		Numero avulso.....	2\$500
			6 mezes.....
			Numero Avulso.....
			2\$500

SUMMARY

TEXT

Mr. Charles Lawrence—Ministro de França.
Política Internacional—CONSOLHINI PEDROSO.
Tourada á antiga portuega.
Chronica—JOAO COSTA.
As nossas gravuras.
A morte do Lidoar—ALEXANDRE HERCULANO.
Exposição anina internacional do Porto.
O mediterraneo (a proposito da memoria militar de Xavier Machado)—L. F. MARRÉAS FERREIRA.
Pensamentos.
Ea e as notabilidades literarias—J. M. DA CUNHA BELLEM.
A meio da jornada.
O meu poema—(a minha mulher)—MARIANNO GRACIAS.
Typo de belleza.

20 Illustrações

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Representantes do «Brasil-Portugal».
Bom conselho.
O nosso almanach.
Bibliographia—J. C.
A Pena e os archeiros—PINHEIRO CHAGAS.
Liga nacional contra a tuberculose
Novo Passe Calle.
Aprender a ler e a escrever quasi sem mestre.

ANNUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto.—Porto
Villar d'Allen—Vinhos—Rio de Janeiro.
Grande Hotel Metropole—Rio de Janeiro.
H. Parry & Son.—Lisboa.
Novo Hotel do Guarujá—Santos.
Grande Hotel—S. Paulo.
J. Amarante & C.º—S. Paulo.
Moinho Maitreiro—S. Paulo.
Maison Nouvelle—Lisboa.
Livros Utéis e instructivos.—Lisboa.
J. Nunes Corréa & C.º—Lisboa.
Companhia Geral do Crédito Predial—Lisboa.
João Eda do dos Santos.—Porto.
Antonio Miguel & C.º—S. Paulo.
Chapelaria da Moda—Lisboa.
Aguas de Carabaña—Lisboa.

Cesar A. Paiva, dentista—Lisboa.
Gabinete Hydrotherapico—Lisboa.
London & Paris—Lisboa.
João Ferreira—Porto.
Lemos & Filhos—Porto.
La Union y El Fenix Español—Lisboa.
Almanach illustrado Brasil Portugal, para 1902.—Lisboa.
Atelier d'Alfate A. Couto—Lisboa.
AO Boticão Unipessoal—S. Paulo.
Companhia Mechanica e Im. ordatora—S. Paulo
C. P. Vianna & Cs—S. Paulo.
Loja do Japão—S. Paulo.
Agencia Financial de Portugal—Rio de Janeiro

NA CAPA

Garantia da amazonia.—Pará.
Brasil-Portugal.
Notre Dame de Paris.—Rio de Janeiro.

OS Nossos Correspondentes

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agencia Central dos 3 estados do Sul. Coronel Theodorico Pupo de Moraes e José Martins Pello, Rua da Afandega, e sobrado.
PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.—Rua Primeiro de Maio, n.º 14.
PARÁ—J. B. dos Santos.—Livraria Classica—Rua Guilherme Moreira.
MARANHAO—Leopoldo J. de Medeiros & C.º
CEARA—A. Ferreira Braga—Praça José Alencar 20
BÁHIA—José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães)—Rua Direita do Palacio, 28
PELOTAS—Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).
PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).
RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE—Julio Augusto Pinto de Carralho
MONSABREDA—Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUEILIMANÉ—Henrique Jorge de S. Neves.
BENGUÉLLA—Mathieu de Travenç.
LOURENÇO MARQUÊS—D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorenza.
S. THOME—L. A. B. Alves Mendes

Na India

NOVA GOA—Antonio M. da Cunha—Osses Luvo Franca—Rua Adolpho de Albuquerque.

No Continente

PORTO—Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 140.
RYO DE JANEIRO—Agente geral em Erora e no Sul Luiz Freire Correia, Rua de Mouraria, 37.
RENA VENTURA—J. N. S. Carvalho.
POSTE DE LIMA—Gomes Amarel & Com.º.
COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1-2.
CASERILLO BARCO—Pedro Augusto Passos.
ABRANTES—Antonio Augusto Salgueiro.
ELVAS—José Antonio dos Santos Sobrinho.
ATODRADA—José Narciso da Costa.
PORTALEGRE—Domingos da Guerra Conde LEITIA—Manuel Correia Dias.
FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques da Cilvera
VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.
CORCUBIA—José Pereira Cabral.
TAYTHA—José Maria dos Santos.
FARO—Maya & Trigozo.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 15.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o **Brasil-Portugal** os sr.s:
Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.
Zelmino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.
Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaqueira, n.º 1), em CAMPINAS.
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.
A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.
Rio Solimões—J. C. Mesquita (casa Andre-sen)—MARANÓS.

Bom conselho

—Como tu estás abatido, rapazi!
—Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...
—Mas agora repara... Tu estás forte, rijo, combos côres. E eras tão fransinho?
—Cousas, meu velho: Faze como eu. Toma o **Chocolato Brasil**, que se fabrica no Moinho do Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Proveem os preciosos vinhos de Adriano Ramos Pinto

O NOSSO ALMANACH

Está já á venda em Portugal e no Brasil o *Almanach Illustrado do Brasil Portugal*, para 1903, com uma capa a cores, desenho do grande pintor Ramalho. Impresso em papel forte, abre com um *juízo do anno*, de Alfredo de Mesquita, illustrado pelo lapis humorístico de Celso Herminio, e ao longo das suas 128 paginas, não contando com as da secção dos annuncios que é variadissima, pela serie enorme de estabelecimentos brasileiros e portuguezes que n'ella figuram, encontram-se umas 200 *photogravuras* nitidamente feitas nas officinas de Pires Marinho & C.^a

Acompanhando o calendario de 1903, dá em cada mez uma serie de receitas agricolas para pomar, horta e jardim. Publica uma centena de adivinhações, logogriphos, enigmas illustrados, charadas, bilhetes postaes, afferecendo á primeira pessoa que enviar á decifração de todos elles, um volume encadernado do 4.^o anno do *Brasil-Portugal*; insere vistas lindas do Brasil e de Portugal, de costumes, retratos de atrizes portuguezas, contos mudos, pequenas vinhetas, caricaturas, e uma esplendida pagina

firmada pelo grande artista Raphael Bordallo Pinheiro, representando os primeiros interpretes do drama de Pinheiro Chagas *A Morgadinha de Valflôr*, interpretes na maioria hoje já fallecidos mas que foram dos mais brilhantes mestres na nossa arte dramatica.

A collaboração variadissima escolhiada tanto na parte litteraria como na artistica, insere artigos e versos de Urbano de Castro, D. João da Camara, João Penha, Camillo, Guerra Junqueiro, Moura Cabral, Gomes de Amorim, Pinto de Carvalho (Tinop), Souza Bastos, Alberto Bramão, Sergio de Castro, Fernando Leal, Gervasio Lobato, Conde de Arnoso, Camões, Ramalhó Ortigão, Guilherme Gama, Garrett, Barão de Roussado, João de Deus, Quental, Bu'hão Pato, Joaquim de Aratujo, Alberto Braga, Pinheiro Chagas, Conde de Monsaraz, além de grande numero de poetas e escriptores estrangeiros. O *Almanach Illustrado do Brasil-Portugal*, para 1903 constitue uma leitura ligeira, agradável e util. Dá tambem o calendario para 1904 que é anno bissexto.

BIBLIOGRAPHIA

Pouco movimento litterario n'esta quinzena. Além do n.^o 12 do 3.^o anno da *Caça*, que continua com todos os seus créditos sportivos, do

n.^o 5 do 1.^o volume da *Revista Commercial*, de interesse para os specialistas, recebeu-se o n.^o 113 do 3.^o anno da *Revista da Semana* que o *Jornal do Brasil* edita, um semanario illustrado que faz já uma grande differença do primeiro numero, inserindo photogravuras nitidamente impressas.

Ainda sobre este capitulo, temos o segundo numero da *Revista Iberyca* a que me referi já, e que tem uma collaboração portugueza muito variada. Do museu do Prado dá umas impressões do sr. Alvaro Xavier da Costa, na poesia nova, um retrato e uns versos do sr. Hilario de Carvalho, um conto de Eugenio de Castro, illustrado. As illustrações continuam sendo arte nova, mas algumas com grandes effeitos como por exemplo as vinhetas de Marti, algumas preciosissimas.

Fecha este numero, e é talvez essa a parte mais importante d'elle, com um esplendido artigo de Bourget sobre Flaubert.

—Está já no seu 186 fasciculo o excellente dictionario universal que sob a direcção do illustre medico o sr. Dr. Maximiano de Lemos, se publica no Porto editado pelos srs. Lemos & C.^a, dictionario que é incontestavelmente uma obra de alto valor para a sciencia. Alguns dos artigos são firmados por homens de merito especial, e entre estes deve notar-se no ultimo numero que acabamos de receber, e que vai desde *Ent a Epe*, um do celebre professor portuense o sr. dr. Ferreira da Silva, que é como todos sabem, um chimico distinctissimo, sobre envenenamentos.

—O sr. Henriques Marques Junior, rapaz muito novo ainda mas já muito trabalhador acaba de trazer para a Livraria Central do sr. Gomes de Carvalho, que ultimamente nos tem dado traducções de algumas das obras mais notaveis de escriptores estrangeiros, de paizes cuja litteratura mais desconhecida é em Portugal — o livro de Wells, *Narrativas do tempo primitivo*, livro bom, edição barata ao alcance de todos, como devem ser sempre as obras de propaganda de uma litteratura a um tempo instructiva e deleitosa.

O pequeno livrinho trazido pelo sr. Marques invoca na phantasia do leitor, os tempos da aljofada da pedra, que ainda hoje constituem uma attracção curiosa dos espiritos cultos. J. C.

VINHOS VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONCALVES & C.^a

Rua 1.^o de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

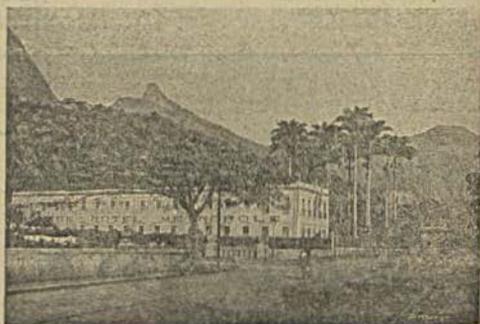
O *Metropole*, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORUVO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



A Pena e os arceiros

A doença de el-rei fez com que eu fosse um dia d'estes á Pena, a Pena transformada em palco real, não fiquelle passio que não era mais do que a residência de verão de um artista a quem o acaso dera um throno em vez de uma cadira de palha, mas um paço de rei reinante, com as suas etiquetas, os seus camaristas, a sua criada-gem. Fez-me impressão a mudanço.

A Pena não foi feita para isto effectivamente, a Pena é um castello feudal completamente artificial, bem o sabemos, mas a ponte levadica, esse asylo discreto de um homem que se delecta com esses deliciosos pastiches, que detesta tudo o que pôde lembrar-lhe o mundo official, tudo o que pôde desviar-o das suas queridas predilecções. A azafama e o tumulto das côrtes modernas estão ali absolutamente deslocados.

Estava ali em plena existência da existência de el-rei D. Fernando. Havia tanto silencio n'aquellas vastas alamedas e dos jardins, que se ouvia distinctamente o murmuro das fontes, e o ramalhar da brisa no arvoredor. Encontrava-se ás vezes o vulto elegante d'uma senhora, as sr. condessa d'Edla, a examinar cuida osamente umas plantas novas, a dispor melhor umas flores n'um vaso. Frequentemente, mas a ponte levadica, encontrava-se no pateo do castello, e achavamos-nos a sós com as esculturas fantasticas dos portaes, subia-se á escada de uma torrinha, via-se então passar discretamente, vest do de um modo ligeiro, algum creado, que se nos dirigia effluamente, e que nos dizia que, se queríamos fillar a el-rei, fôsemos entrando até o encontrarmos.

Em vista d'isso continuavamos o nosso caminho, ficavamos um bom pedaço enlevado a contemplar o panorama da serra, o horizonte purpureado pelo sol poente, o mar espumoso, onde alguns navios sulcavam as suas vagas de ouro, porque em ouro as transformavam os ultimos raios do sol. Então sentiamos algum bater-nos no hombro, e as voltarmos-nos, divamos nos apanhar a vista de D. Fernando, com o chapéo baixo e de abas largas a ensonhar-lhe a physionomia, que se sorria para nós, e principiava por oferecer um charuto, e nos levava de passeio pelas ruas sombrias, fazendo-nos notar uns novos aspectos de vegetação, e uns panoramas que tinham a eterna novidade da sua magnificante belleza.

Se, pelo contrario, nos levavamos a vista para nos fazer admirar alguma nova acquisição artistica, não encontravamos nem a sombra de um creado. Parecia n'esse castello, que fora effectivamente construido pelas mãos das fadas, o feiticio que o soberba erigir era servido por gnomo invisíveis e por invisíveis duendes... E quando vinha a noite, e que a Pena illuminada resplandecia nas aluras, entre os bosques silenciosos, onde mais distinctamente se ouvia ainda o murmurar das fontes, e que a noite envolvi do seu escuro manto, ouvia-se ás vezes gemer um violão e elevar-se uma voz sonora de barytono, que se casava em doce harmonia com um contralto suavissimo, e se algum passasse então nas alamedas sombrias, escutando o ramalhar dos arvoredos e o longo choro das aguas, vendo o céu cravejado de estrellas, e aspirando o ideal perfume das flores, se ouvisse de subito esse duo encantador, imaginaria deveras que eram os espiritos da noite que entoavam essas canções melodosas, ou que n'esse aereo palacio de fadas Oberon e Titania celebravam as suas encantadoras nupcias!

Hoje o aspecto mudou.

Em primeiro lugar foi banido o silencio. O rumor das carruagens que sobem ou descem fez com que se calassem assustadas as nymphas das fontes. Assim o parece pelo menos, porque o brando rumor das aguas é facilmente abafado pela bulha das rodas e pelo tropicar d'a cavallos. A alliança de gente trouxe com go o commercio. E diferentes pontos da subida, uns industriaes levantaram a sua tenda, e vendem copos de agua aos transeantes. Não é menos fresca do que a agua da fonte dos passarinhos, e com certeza á fonte vão elles buscar, porque a sua sificação seria para elles uma estopada; mais é diferente.

Pôr os labios sequiosos do sitio de onde a agua mana em limpita e murmurosa corrente, é mil vezes mais agradável do que beber a mesma agua por um copo aliás muito bem lavado, e ti-

rada de uma bilha. Não b-bermos assim a agua que canta, e não temos a voluptuosa sensação de estar bebendo a fresca nasada que por um instante emudece com a pressão dos nossos labios, para recommear logo depois o seu eterno cantico. Temos a vantagem de nos não ensopear, mas essa agua embora fresquissima, e embora bebida no meio do arvoredor ver-dil-jante, dá-nos uma sensação de cidade. Parece que a estamos bebendo no Rocío, á luz do gaz municipal, deante de uma loja de confiteiro. Que horror!

Depois entra-se na ponte levadica. Encontrava-se um creado de casaca, uma senhora que sáe, um official que entra, e os sons que outr'ora alli se amanhavam fogem bafando ás azas. Como devanear agora um anno da idade medice, fero e maldoso como um gnomo, a soprar na sua trompa para annunciar a sua chegada! Eis-nos, emfim, n'aquelle pateo de honra, onde nos detinhamos a contemplar as phantasticas esculturas do portai. Deus do céu, que rumor é este que estamos ouvindo? É o bater monotono e sacudido do marmel do telegrapho! O que é aquella poia to oval, aquella caixa de pinho pintado de vermelho com umas leiras e uma abertura? Horror! Tres vezes horror! É uma caixa de correio! O' anonos! é sylphos! eles do Norte! moras encantadas do Meio-Dia! Uma caixa de correio! Puck foi demittido, e substituido por um carteiro.

Subamos ainda! Já não ha creados que nos digam sorrindo: Va subindo até encontrar El-Rei. Paramos discretamente ao fundo de uma escada. Um criado de farda dá-nos a grata noticia de que vai avisar o ajudante de campo! Chega o ajudante de campo, de espada! Entra-se n'um cubiculo pequeno, um d'aquelles recintos medievales de marmel e esculturas. O que é aquella havana de vér? Uns lapuzes de uns dois arceiros, vestidos com o seu tradicional falo pintalgado, com o seu chapéo armado sufficientemente ridiculo, com as suas gran-lhas albardas, que mal cabem no pequissimo recinto.

Os arceiros na Pena! Ah! El-Rei D. Fernando, se o sabe, levanta-se do seu tumulo e vem a correr ao seu palacio dilecto introm-lhes com a sua voz fanhosa que satam immediatamente. Os arceiros d-viam ter sido o tormento da vida official do rei artista.

O seu gosto fino e delicado devia sentir-se molestado com essas fardas pintalgadas, esses chapéos armados que elles atiram para a nuca nas occasiões de atrapalhado, com essas meias brancas que desenhavam as pernas maciças d'esses comparsas da realza.

É' erissimo que D. Fernando se havia de sentir arripado quando os via, pela mesma razão porque os seus pretos se sentiam envidados quando os contemplavam. O ideal supremo de um rei preto é vestir uma farda de arceiro, o ideal supremo de El-Rei D. Fernando devia ser por conseguinte despir as fardas de arceiros a todos aquellos matulões que a vestiam e pollos-nos a andar da rua. Que digo? Foi o que elle fez immediatamente, apenas se viu livre da regencia que elle soube quando morreu sua esposa, e que pôde entrar no socego e na serenidade da sua vida de artista.

Que elle tinha um odio especial aos arceiros vê-se bem pelo que se passou no paço das Necessidades, quando ali ficaram de um lado El-Rei D. Fernando, do outro o Infante D. Augusto. Entrava-se pela escadaria que ia ter aos aposentos de Hecuba, que se encontrava-se a o inevitavel arceiro. Seguiu-se pelo pateo que ia ter aos aposentos de El-Rei, e não nos apparecia nem a sombra de um arceiro. Pois como podia D. Fernando com o seu gosto finissimo, com o seu tacto artistico tão apurado, consentir que andasse um arceiro por entre aquellas obras primas, que estacionasse diante do famoso quadro de Hecuba, que se defrontava com a magnifica armadura medieval que se ostentava na casa de espera? Seria isso para elle uma verdadeira desahonra, e elle, que tanto amava a harmonia das côres como a harmonia dos sons, sacudiria o arceiro, como sacudia a sua garganta de barytono uma nota que não fosse afinada.

E se elle o não queria, o não admitia ali no quadro de Hecuba, como o não consentia com a sua Pena predilecta, na Pena que elle cenzelara e lavrara com tão artistico amor? Como consentiria que elles passassem nas suas umbrosas alamedas, por baixo das suas araucarias, entre os seus fetos maravilhosos?

Effectivamente estou a ouvir o que se deve passar na Pena quando um d'esses arceiros sair do seu posto, e descer gravemente a gosar a frescura da noite nas alamedas dos jardins. Brilha a lua no céu e revê-se n'aquella encantada mansão, que ella conhece a fundo e onde se delecta em posar os seus argenteos raios. Ao vér passar o arceiro, dirá ella como isto: — Deus do céu! O que é aquillo? Fugiu das esculturas algum grutesco? Mas não, não pôde ser. Não os ha d'este feto saparintados e estafurados.

Os grutescos da Pena são comicos mas não são ridiculos. Que invenção será esta? Que mascarada imaginaria o meu bom rei D. Fern. não? Não, não é d'elle a culpa, e a sua imaginação j-i se apagou na friald. d. do tumulo.

E se os passaros adormecidos na ramaria, ao sentirem a bulha d'aquelles passos pesados, metterão a cabeça por entre as folhas, e dirão uns para os outros:

Que vem a ser aquillo? E' algum pavão que andava a passear hoje noite? Não, não pôde ser. Parece pavão pelos pés, mas o pato abre o esplendido leque das suas pennas, onde as côres mais brilhantes se combinam de um modo harmonioso e encantador, enquanto este passarola que por ahí vê e é revoltante pelo que tem de amarello e encarnado, e de pantafado e burlesco. Deus do céu, que horror! Que cômico! Já esse passaro desconhecido, e que estava a dentro

Junto dos lagos dormem os cysnes o seu leve somno de aves. Recorda os tambem o barulho dos passos do arceiro, e cysnes brancos e cysnes pretos olham uns para os outros espantados.

— S'nhor Deus! exclamam elles fazendo ondular os seus bellos collos graciosamente curvos, temos visto muitos passaros feitos na nossa vida, mas como e não ainda nenhum!

— S'm! dirá um cysne branco, vaidoso e desdenhoso da prata preta, como uma miss da America do Norte, a natureza tem realmente ás vezes estranhos caprichos. Não creou ella os cysnes pretos, esses fetos animaes que osam dizer-se nossos irmãos, como se podesse comparar se a natureza de elle a natureza do homem, e os seus filhos, das delias? Vejam agora que luz nos illumina a uns e outros, se ha comparação possível entre os reflexos argenteos que o luar nos arranca, e a — ombra densa d'aquellas azas que nem a luz consegue illuminar! E chamamos os homens cysnes a uns e outros! E' verdade que elles trovem-se a luz dos seus collos, e o cívrio são tudo o mesmo carbon. Sim! o diam tem resplandecio como nós resplandecemos, o cívrio negreja como elles negrejam!

Será este o nosso parentesco. Mas sempre quierá ver se o homem hesita entre esses dois irmãos — o cívrio e o diamante!

— Mis sejamos justos! rria ainda o cysne branco com grande applauso dos seus collegas.

Os cysnes pretos são horrendos, mas este passarola ainda é mais foio do que elles.

E um cysne preto diria ao mesmo tempo.

— Deus creou aquellos horrendos cysnes brancos para dar um vivo realce á nossa côr tinea negra como os olhos das andaluzas. Nós somos a perfeição, os n'arvoredos o mysterio, os seus encantos, elles são a banalidade sem sabor, o burgozeo, imbecil. Dir-se-hiam pedaços de cal que andam por ahí a passear nas aguas, enquanto nós, como os diamantes negros, como as perolas negras, temos o fulgor estranho dos olhos andaluzes. Sejamos justos, porém. Os cysnes brancos são de uma banalidade ridicula, mas não são tão ridiculos como este passalinho que ahí vai.

E, enquanto os nenufars se sorriam a ouvir estes commentarios, o arceiro grave, sollemne, im-ginava lo que estava produzindo um effecto extraordinario, passava por entre os pinheiros rós que se erguem junto aos lagos, e que exhalam um aroma delicioso.

E os passaros e os galinhas inextinguivel, repetindo: Arceiro! arceiro! enquanto elle, grave, sollemne, de chapéo armado, voltava, contente de si para o seu cubiculo da Pena.

Liga nacional contra a tuberculose

12.º CONGRESSO

Em 3 de Setembro reune-se em Vianna do Castelo, o 12.º Congresso d'esta liga, que tío grandes serviços tem prestado já. O programma é o seguinte:

I.—As questões a tratar no Congresso serão de duas ordens: umas previamente incumbidas a relatores especiaes, e outras á escolha individual dos membros do Congresso.

II.—Ao Congresso devem ser apresentados os trabalhos sujeitos ao estudo dos diferentes núcleos pelo Congresso de Lisboa.

III.—Os trabalhos do Congresso, em sessões diurnas e nocturnas, serão distribuídos pela seguinte fórma:

Dia 3—Sessão de abertura—Recepção dos congressistas—Apresentação dos trabalhos incumbidos aos diferentes núcleos pelo 1.º Congresso, etc.....	8 h. da noite
Dia 4—Sessão de estudo.....	1 h. da tarde
—Conferencia pelo prof. Miguel Bombarda ás.....	8 h. da noite
Dia 5—Sessão de estudo.....	1 h. da tarde
—Sessão especial da mesa, relatórios e conferente para se deliberar sobre os votos a sahir do Congresso.....	8 h. da noite
Dia 6—Sessão de encerramento..	1 h. da tarde

IV.—Os membros que desejarem fazer communicações devem participal-o ao secretario geral do Nucleo de Vianna até o dia 1 de agosto, enviando ao mesmo tempo um resumo succinto do trabalho, contendo as conclusões.

V.—A ordem e opportunidade dos assumptos a discutir serão reguladas pela mesa.

VI.—A leitura e exposição das communicações livres e das conclusões não poderão exceder 10 minutos.

Nas discussões sobre cada assumpto, cada orador não poderá usar da palavra por mais de uma vez e por mais de 10 minutos. Exceptuam-se os relatores que poderão usar da palavra uma segunda vez.

VII.—Os manuscritos das communicações e de quaisquer outros trabalhos devem ser entregues na secretaria ao findar de cada sessão. Os oradores devem entregar um resumo dos seus discursos, antes de começar a sessão seguinte, á mesa do congresso, sem o que esta se não responsabiliza pela sua inserção no livro das actas.

Novo Passe Calle

Dedicado ao cavalleiro taumachico o sr. Manoel Casimiro d'Almeida, acaba de imprimir, para piano, o sr. Carlos Eugenio Steffanina o seu *Passe Calle*, alegre e bonito.

A composição de que o seu autor teve a amabilidade de nos offercer um exemplar está á venda em todos os armazens do costume.

Aprender a ler e a escrever quasi sem mestre

Eis o titulo d'um livro de 32 paginas escripto pelo sr. Eduardo G. Ferreira d'Almeida que acaba de se publicar, tendo 42 gravuras nitidas que ensinam pelo livro adiante o valor das letras e a rete-las sem esforço algum de memoria. Com algumas explicações ao principio dadas por qualquer pessoa, o analfabeto segue depois soinho sem ser preciso ensinar-lhe coisa alguma. Recomendamo-lo pois a quem d'elle precisar, pois que está muito simples e expressivo. Custa apenas 50 réis e vende-se na T. de S. Domingos, 9 a 13.

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

L SBOA

DRAGAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

Novo Hotel do Guarujá

EMPRESA

MANUEL D'HUICQUE

ILHA DE SANTO AMARO

SANTOS (BRASIL)



Grande HOTEL



O mais conceituado e respeitavel para familias

No centro da cidade

Acomodações de luxo.

Ar, luz e conforto.

Bonds á porta—Preços sem competencia

PROPRIETARIO

CARLOS SCHORCHT

R. de S. Bento, 49.

S. PAULO (Brasil).

DROGARIA

Perfumaria

J. AMARANTE & C.^a

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas
nacionais e estrangeiras

Accessorios para farmacias, vasilhames, etc.

Aguas minerais naturais de todas as procedencias.

Deposito permanente de todos os preparados
nacionais de *Silva Araujo, Werneck, Orlando
Rangel, Granado e Freire de Aguiar.*

Completo sortimento de perfumarias dos
maiores fabricantes francezes, inglezes e
norte-americanos.

Rua Direita, 11.

S. PAULO (Brasil).

Caixa postal, 149.

Meinho Matarazzo

F. MATARAZZO & C.^a

3:000 saccos diarios

DAS

MARCAS

LILI-LIDIA-CLAUDIA-TOSCA
IDA e OLGA

SEMMOLA DE PRIMEIRA QUALIDADE

Rua Monsenhor Andrade, 88.

ESCRITORIO:

Rua 15 de Novembro, 26.

S. PAULO (BRASIL)



MAISON NOUVELLE

MAISON NOUVELLE

Modas e Confecções

Com atelier de modista e alfaiate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Armo, 68 a 72 — Quinta das escadilhas de Santa Justa

Livros uteis e instructivos

Grande reduccão nos preços primitivos do catalogo
n.º 3, das edicões da "Empresa Editora de Arthur
da Silva - Rua dos Douradores, 72 - Lisboa.

HISTORIA UNIVERSAL.—C. Cantos—
Desde a creação do mundo até a nova epoca
Froditada por Manoel Bernardes Brazão, 13
volumes, in 4.º gr., 2.ª edição, com 5.050 pag.
e 81 gravuras. br. 15000
Em encad. toleira. 15800
OS ULTIMOS TRINTA ANOS, 1848 a
1908.—G. Cantos—Versão pelo visconde de
Castello—in-8.º, com 312 paginas e retrato do
actor, br. 5000
Em encad. toleira ou 1/2 toleira. 5000
DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO OU
NOVO DICCIONARIO DA LINGUA POR-
TUGUEZA.—D. de M. A. A. O. de Le-
zardes Diccionario de synonymos: Vocabulario
da lingua Brasileira, e Typo-Vocabulario da
diálcto Guarany, 2 vol. toleira, 2.ª edição,
com 2.480 pag. enc. int. 12000
HISTORIA DAS PERSEGUICÓES PO-
LITICAS E RELIGIOSAS, occorridas em
Hispania e Portugal, desde a idade media até
nos nossos dias—Verdade do hespanhol por
L. Trindade, 3 vol., in-8.º, com 1.243 pag. e
15 grav. br. 12000
Em 1/2 encad. franceza. 12000

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUE-
ZA (BRAZIL)—Substantivo da Rocha Pittas—
Desde o anno de 1500 até o de 1770—Revista
e annotada por J. Gomes Gues, in 2.ª grande,
2.ª edição de livro 435 pag. e com 10 grav. e
um mappa-bras. 8000
Em 1/2 encad. franceza. 12000
RESENHA DAS FAMILIAS ITALIARES
E GRANDES DE PORTUGAL.—Citeira
Pinto e Visconde de Sanches de Bodiças—8 vol.,
in-4.º grande, com 1.543 pag., edição de luxo,
com 17 sedes de armas no texto, br. 08000
Em 1/2 effugria, capa especial. 13000
O ENGENHO FIDALGO D. QUIXOTE
DE LA MAN-CHA.—Al. Miguel de Cervantes
Saaavedra—Versão do Visconde de Bensaúde,
6 vol. toleira, com 3.712 pag. e 31 grav.
bras. 20000
Em 1/2 encad. franceza. 12000
OS SERTÕES D'AFRICA.—A. A. de S. L. de
Mello—Apontamentos de viagem—In-8.º,
com 251 pag. e 15 grav. e 1 mappa do Am-
briz, br. 4000
Em 1/2 encad. franceza. 5000

GUILHERME SILVA

Camisas, ceroulas,
gravatas, collarinhos
e punhos



Roupas bordadas
e camizetas
Enxovae em todos os
generos

LONDON & PARIS
109, Rua de S. Nicolau, 111
LISBOA



JOÃO FERREIRA
PRIMEIRO FABRICANTE DE CAFÉ E CHOCOLATE EM PORTUGAL
PORTO

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao oleo de fígado de bacalhão,
Superior ás emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resulta-
dos seguros e rapidos no tratamento das doenças aca-
ma indicadas, quer em creanças quer em adultos. É
agradavel á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a
opinião favoravel de professores da Escola Medica,
directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, nota-
veis medicos eminentes especialistas.

Ensaiado com exito seguro em todas as casas de
beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 34300 réis; caixa
de 12 frascos, 68200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31. PRAÇA DE CARLOS ALBERTO. 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias
e drogarias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

Almanach illustrado

DO
BRASIL PORTUGAL
PARA
1903

Papel de Luxo
200 GRAVURAS

Está á venda em todas as li-
vrrarias e lojas do costume.

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL
Capital social 2.400.000.000 réis

13.800.000.000
De albitrante para o anno 1894 até 1895
PREMIOS: RESERVAS E 500.000.000
Seguros contra incendio e vida.

Encomendado á Union Maritima
Companhia de seguros contra os riscos maritimos
e risco de transporte de qualquer natureza.

Directores — Lima Mare & Filhos
LISBOA — Rua da Prata, 59, 2.ª

ATELIER DE ALFAYATE**ANTONIO DO COUTO**

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

No Boticão Universal

Primeiro Deposito
de Artigos Dentarios

Na Capital do Estado de S. Paulo

Januario Loureiro

Rua de Bento n.º 16

Caixa Postal n.º 71 — S. PAULO

COMPANHIA
Mechanica e Importadora

DE SÃO PAULO

Endereço teleg. — *Mechonica.*

Escritorio: RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 36 — Caixa no Correo, 51
em Londres: Broad Street House-New Broad Street, London, E. C.
Officinas: Rua do Triunpho, n.º 37 a 43
Fundição e Depósitos: Rua Monsenhor Andrade — Braz

Importação e fabricação de

Machinas a vapor, molores a Kerozene, turtinas hy-draulicas, rodas d'agua, materias para luz electrica, serras de varios typos, machinismos para beneficiar café, des-piladores, mat-ri-ae e machinismos diversos para uso nas fazendas, para serrarias, carpintarias, marcenarias, ferreiros, serralheiros, gazistas, funileiros, fabricantes de carros e carroças, materias para estrijas de ferro, a'as-tucimentos d'agua e t'golos, construcção e enge-nharia.

Carvão de machina, coke, carvão de forja, ferro guza,

ferro batido em barras,

chapas e pernis diversos, tubos pretos e galvanizados, cimento,

telhas de zinco, arame liso e farpado,

tijolos refractarios, etc., etc.

S. PAULO-Brasil.

C. P. VIANNA & C.^A

Sucessores da antiga casa de J. P. de Castro & C.^a

IMPORTADORES E COMMISSIONARIOS

Unicos agentes no Estado de S. Paulo, das

AGUAS MILAGROSAS

de Lambary e Cambuqueira

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

LLOYD AMERICANO

Caixa postal n.º 31.

Endereço teleg.: — «VANINA».

Codigio teleg.: — RIBEIRO.

R. do Commercio, n.ºs 11 e 13.

S. PAULO (Brasil).

LOJA DO JAPAO

GARCIA, NOGUEIRA & C.^A

Agentes do BANCO DO M NHO

Emittem saques sobre todas as localidades de Portugal, Ilhas, Hespanha e Italia, e sobre Paris, Londres e Hamburgo.

Compram cambiaes sobre estas praças

Importadores e especialistas de

**Chá, cêra, sementes,
fogos d'artificio,
lanternas. presuntos,
leite condensado,**

e muitos outros artigos do seu ramo de commercio.

Rua de S. Bento, 42.

S. PAULO-Brasil.



Agencia Financial
DE
PORTUGAL

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO
SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THEOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos conce-lhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFFEDO BARBOSA DOS SANTOS.